

Revista

# INICIA

Revista de Iniciação Científica da FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão,  
Tecnologia e Educação

Publicação anual  
Número 16, Ano 16, Outubro de 2016  
ISSN 1677-7581

FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação  
Santa Rita do Sapucaí - MG - Brasil

### **Fundação Educandário Santarritense**

Conselho Administrativo

Diretor Presidente: Cônego Benedito Ramon Pinto Ferreira

Diretor Vice-Presidente: Prof. João Teles de Souza

1º. Diretor Financeiro: Prof. Aldo Ambrósio Morelli

2º. Diretora Financeira: Profa. Eunice Gomes de Siqueira

1ª. Diretora Secretária: Profa. Fátima Cecília Seguro de Carvalho

2ª. Diretora Secretária: Profa. Silvana Isabel de Lima

1º. Diretor Conselheiro: Prof. José Cláudio Pereira

2º. Diretora Conselheira: Profa. Rita Helena Pivoto

FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação

Diretor: Prof. José Cláudio Pereira

Vice-Diretora: Profa. Silvana Isabel de Lima

Colégio Tecnológico Delfim Moreira

Diretora: Profa. Profa. Rita Helena Pivoto

Vice-Diretora: Profa. Raquel Tibães

Revista Inicia, n. 16.

Santa Rita do Sapucaí: FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão,  
Tecnologia e Educação, 2016.

Anual

ISSN 1677-7581

1. Administração. 2. Informática. 3. Educação.

FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação.

**Revista Inicia**

Revista de Iniciação Científica da FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e  
Educação  
ISSN 1677-7581

**Diretor**

José Cláudio Pereira

**Conselho editorial**

Eunice Gomes de Siqueira  
José Cláudio Pereira

**Revisão das Línguas Portuguesa**

Adriana de Moraes Pereira Santos

**Diagramação**

Eunice Gomes de Siqueira

**Produção gráfica**

Gráfica Novo Mundo – São Lourenço – MG

**Tiragem**

300 exemplares

**Endereço para correspondência**

FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação  
Av. Antônio de Cássia, no. 472. Jardim Santo Antônio. CEP 37.540-000  
Santa Rita do Sapucaí - MG - Brasil  
E-mail: [inicia@fai-mg.br](mailto:inicia@fai-mg.br)



## EDITORIAL

Prezado leitor,

a Revista Inicia é publicada pela FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação e reúne artigos, resenhas e resumos de autorias de estudantes desta instituição, juntamente com seus professores orientadores.

O primeiro artigo que abre esta 16ª. edição traz a pesquisa de **Suelen Silva e Margarete Siqueira** sobre avaliação de produção textual no Ensino Fundamental I. O segundo artigo é de autoria de **Samanta Nóra e Thiago Freitas** e os autores apresentam um estudo sobre as controvérsias do uso de fármacos controlados, sem indicação médica, para uma possível melhoria da concentração nos estudos. Ainda na área de Educação, o trabalho de **Diane Machado e Rita Andery** discute a importância da Filosofia - Educação para o Pensar - e relata o projeto piloto implantado na Rede Municipal de Santa Rita do Sapucaí (MG). Em seguida, **Lidia Faria e Cunha e Cláudia Ribeiro** apresentam um estudo realizado sobre a Gestão da Diversidade de pessoas nas empresas do Arranjo Produtivo Eletroeletrônico de Santa Rita do Sapucaí. Ainda no contexto de Gestão, **Juliana Becheri e José Cláudio Pereira** relatam suas investigações a respeito da aprendizagem obtida por meio de projetos interdisciplinares no curso de Administração. Encerra a seção principal, a resenha de **Gabriel Garcia** sobre o tema de Tecnologia de Informação Verde.

Nesta edição ainda constam os resumos dos projetos de conclusão de curso de Sistemas de Informação, apresentados no ano de 2015.

Sugerimos aos leitores que acessem o site da FAI ([www.fai-mg.br](http://www.fai-mg.br)) para conhecerem as edições anteriores da Revista Inicia, assim como outras publicações acadêmicas veiculadas por esta Instituição de Ensino Superior.

Boa leitura!

Conselho Editorial.



## SUMÁRIO

<b>Artigos</b>	<b>Pág.</b>
Avaliação da produção textual: pesquisa no 5º ano do Ensino Fundamental Suelen Cristini Pereira da Silva e Margarete Ribeiro Siqueira	08
A otimização da vida por meio de fármacos controlados: um estudo sobre as controvérsias da Ritalina na mídia Samanta Roberta da Silva Nóra e Thiago Ribeiro de Freitas	19
A importância da Filosofia - Educação para o Pensar - na Educação Infantil e no Ensino Fundamental Diane dos Santos Machado e Rita de Cassia de Campos Andery	29
Estudo sobre a Gestão da Diversidade nas empresas do Arranjo Produtivo Local Eletroeletrônico de Santa Rita do Sapucaí - MG Lidia Maria de Faria e Cunha e Cláudia Marinho Ribeiro	36
Aprendizagem interdisciplinar de <i>marketing</i> em uma faculdade do polo tecnológico de Santa Rita do Sapucaí - MG Juliana de Oliveira Becheri Souza e José Cláudio Pereira	45
<b>Resenha</b>	
Tecnologia da Informação Verde Gabriel Lisbôa Garcia	55
<b>Resumos de projetos de conclusão de curso de Sistemas de Informação de 2015</b>	
Desenvolvimento de uma aplicação integrada a uma arquitetura orientada a serviços: <i>Help the City</i> Aliane Aparecida Leal, André Guilherme de Melo Barreiro, Maria Paula de Oliveira Barbosa e Pablo Luís da Mota Nora	58
Desenvolvimento de um sistema para controle da manutenção de praça de pedágio: SIGMA Flávio José Ribeiro Inácio e Leticia de Cássia Gonçalves de Souza	59
Emother Adilson Domiciano Júnior, Guilherme de Oliveira e Leandro Tadeu de Castro	60
Estudo de análise de sentimento a partir de uma rede social destinada à troca de livros: Ciranda de Livros Edno Muniz Filho, Evaldo de Oliveira e Rafael Pires Vilas Boas	61
Evolução do sistema para apoio de projetos ágeis: Scrumweb Augusto Borges Mesquita, Gustavo Pires Gonçalves e Luiz Ricardo Pires	62
Sistema de Informação de Serviços Autônomos (SISA) Caio Henrique de Souza, Daniel Barrigana Barcelos, Eduardo Santos Ferreira e Thalís Rafael de Souza Soares	63
Sistema de Prevenção à Infestação do <i>Aedes Aegypti</i> (SPIAA) Denis Leonardo da Cunha Gomes, Elessandra Aparecida Estevão, Felipe Pereira de Souza e William Daniel de Oliveira	64

# AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL: PESQUISA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Suelen Cristini Pereira da Silva**

Graduanda em Pedagogia

Bolsista de Iniciação Científica da Fapemig em 2015

cristinisuelen.fai@gmail.com

**Margarete Ribeiro Siqueira**

Professora Orientadora

profmargarete@fai-mg.br

**Resumo:** neste artigo, de abordagem qualitativa, examina “se” e “como” os professores do 5º ano do Ensino Fundamental realizam a correção e a avaliação da produção textual de seus alunos, visando a formação de escritores competentes e capazes de escrever com coerência, coesão e eficácia. É um estudo exploratório-descritivo realizado em uma escola da rede pública, que busca expor os conhecimentos teóricos e os critérios utilizados para a avaliação da produção escrita dos alunos do 5º ano. A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica e documental, observação direta em aulas de produção textual e entrevista semiestruturada com docentes e supervisoras pedagógicas. Conclui-se que a prática pedagógica não está de fato alicerçada em conhecimentos científicos que permitem uma reorientação da ação educativa para a formação de escritores competentes.

**Abstract:** In this paper, with a qualitative approach, it examines “whether” and “how” the teachers of the 5<sup>th</sup> grade of elementary school perform the correction and evaluation of textual production of their students, aiming the education of competent writers with ability to write with coherence, cohesion and effectiveness. It is a descriptive exploratory study applied in a public school, which seeks to expose the theoretical knowledge and the criteria used for assessing the written production of

students in the 5<sup>th</sup> grade. Data collection occurred through bibliographical and documentary research, direct observation in textual production classes and semistructured interviews with teachers and education supervisory. It was concluded that the pedagogical practice is not in fact based in scientific knowledge that allow a reorientation of educational action for the education of competent writers.

**Palavras-chave:** Prática docente. Produção Textual. Avaliação. Ensino Fundamental.

**Keywords:** Teaching practice. Text Production. Evaluation. Elementary School.

## 1 INTRODUÇÃO

As instituições escolares, de acordo com pesquisas, encontram-se preocupadas com a prática docente para a produção textual e buscam alcançar de maneira eficaz e significativa todos os envolvidos neste processo. “Não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas [...] o domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas e contextualizadas” (GERALDI, 2001, p. 36). De acordo com o autor, a linguagem é o principal meio para a interação humana, pois o sujeito constitui-se e interage com o outro e, por meio do texto, é possível expressar



hipóteses, narrar e relatar experiências vivenciadas e contadas por outras pessoas, tornando-se assim, ouvinte e observador.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Língua Portuguesa (BRASIL, 2000), a finalidade do trabalho com a produção de textos é formar escritores competentes, capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes. É preciso oferecer aos alunos diversas oportunidades de aprenderem a escrever em situações semelhantes as que existem fora da escola.

A importância atribuída à prática da produção escrita para a formação de escritores competentes também é mencionada nos programas nacionais, como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2012), que requer mudanças na concepção de língua e de ensino da língua materna nos anos iniciais do ensino fundamental. Tais programas enfatizam a necessidade de práticas pedagógicas próximas à realidade do aluno e de forma significativa.

Para Curto *et al.* (2000), é preciso que os alunos façam a análise e reflexão sobre a própria língua. E, para isso, o professor deve organizar o trabalho pedagógico de forma a melhorar a capacidade de compreensão e expressão dos alunos, em situações orais e escritas. Também é necessário considerar os conhecimentos prévios que estes possuem sobre a gramática, torná-los seres críticos, capazes de realizarem uma autoavaliação constante. "*O ato de aprender a ler e a escrever é um ato criativo que implica uma compreensão crítica da realidade*" (GERALDI, 2001, p.75-76, grifo do autor). Esta deveria ser a busca constante nas práticas pedagógicas dos docentes que almejam formar escritores competentes, capazes de refletir sobre seu próprio texto.

Soares (2003) alerta para a necessidade de proposições metodológicas claras para não correr o risco de ampliar o fracasso escolar, isto porque a organização

do trabalho pedagógico reflete no processo de ensino e aprendizagem. É preciso ajudar as crianças por meio da reflexão "sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades" (SOARES, 2003, p. 70).

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivos analisar se os docentes possuem fundamentação teórica para o ensino e avaliação da produção textual para os anos iniciais do ensino fundamental; verificar como ocorre a correção e a avaliação do texto produzido pelo aluno em sala de aula.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O professor no método tradicional de ensino é o condutor, o controlador do fazer pedagógico, uma vez que possui o poder de controlar os saberes de seus alunos, de conduzir e reduzir tais saberes. Seu papel é de direcionar o ensino, pois permite ao aluno somente dizer aquilo que está pedagogicamente determinado para ser dito, tornando-o sujeito passivo no processo de ensino e aprendizagem (GERALDI, 2001).

De acordo com o supracitado, esse modo com que são tratadas as práticas pedagógicas em sala de aula confere às simulações, ao artificialismo uma redução de sentidos, tornando o texto vazio e o sujeito sem voz, sem história. Para fugir de práticas pedagógicas artificiais e sem sentido em sala de aula é preciso disponibilizar atividades de escrita em que a criança aja com autonomia, seja sujeito ativo na produção de seu texto, analise e reflita sobre suas criações, para que consiga aprimorar e adquirir cada vez mais competência linguística (GERALDI, 2001).

O PCN afirma que é necessário ensinar aos alunos como lidar com a escrita da linguagem (aspectos notacionais e restrições ortográficas) e com a

linguagem escrita (aspectos discursivos - linguagem que se usa para escrever), pois o objetivo é a formação de cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia (BRASIL, 2000).

## 2.1 A Prática de Produção de Textos

Para Geraldi (2001), a prática de produção de textos tem sido um grande problema nas escolas, tanto para professores como para os alunos. Há uma constante repetição nos temas propostos, o que acarreta o desinteresse perante quem a faz. Essa desvalorização, na maioria das vezes, ocorre devido às práticas metodológicas do professor. Em vez de realizar uma atividade dinâmica, fazendo a troca de textos entre os alunos ou até mesmo, uma leitura oral individual para os colegas, o docente somente corrige e guarda as produções textuais feitas por eles, não lhes dando retorno algum.

Na visão de Zabala (1998), embora seja almejada uma prática concreta no dia a dia, ocorrem imprevistos que acabam por tornar o fazer pedagógico sem referências para a reflexão da ação educativa, acarretando dificuldades para manter uma prática de forma consciente, regrada e fundamentada em conhecimentos científicos.

O PCN (BRASIL, 2000) pontua que a prática de produção de textos é considerada um complexo processo comunicativo e cognitivo, o qual precisa realizar-se num espaço em que se considerem as funções e o funcionamento da escrita, bem como as condições nas quais é produzida. Para se implementar uma prática de produção de textos na escola são necessários alguns procedimentos didáticos, tais como: oferecer textos escritos impressos de boa qualidade, propor situações de produção escrita em pequenos grupos para o compartilhamento das atividades e tarefas, e o diálogo entre professores e alunos para

a explicitação das dificuldades. Outra situação didática fundamental é o trabalho por projetos, pois permite aos alunos produzir textos de forma contextualizada que além de oferecerem reais condições de produção escrita, conservam grande valor pedagógico. Proporciona aos alunos a leitura e análise de uma grande variedade de textos, a reflexão sobre os aspectos próprios do gênero a ser produzido e o compromisso com a própria aprendizagem.

Por conseguinte, um escritor competente é aquele que ao produzir um discurso sabe selecionar apropriadamente o gênero no qual este se realizará; que planeja o discurso e, conseqüentemente, o texto em função dos seus objetivos e do leitor a que se destina, considerando as características específicas do gênero. É também capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento.

Não se deve ensinar a escrever por meio de práticas centradas apenas na codificação de sons e letras. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a escrever em condições semelhantes às que caracterizam a escrita fora da escola (BRASIL, 2000, p. 66).

Um ponto importante a ser considerado na prática da produção textual é o trabalho com rascunhos, pois é uma excelente estratégia didática para que o aluno perceba a provisoriade dos textos e tenha a oportunidade de analisar seu próprio processo de escrita, revisar seu texto. No entanto, esta estratégia deve “ser sistematicamente ensinada, de modo que, cada vez mais, assumam sua real função” (BRASIL, 2000, p.73).

Assim, faz-se necessário realizar atividades que motivem e despertem o interesse dos alunos em relação à produção de texto, visto que é um processo bastante complexo, que exige perspicácia por parte do aluno e do professor. Este último deve propiciar situações didáticas que

contribuam para a formação de escritores competentes, para que se transformem em cidadãos da cultura escrita.

## **2.2 Análise e Reflexão sobre a Própria Língua**

Para a formação de escritores competentes é fundamental que o professor trabalhe a análise e a reflexão sobre a própria língua. Os alunos precisam conhecer os diferentes tipos de linguagem que podem ser usadas para a comunicação escrita, levando-se em consideração o tipo de texto, o contexto e o leitor a que se destina. Logo, o texto precisa ter coerência, coesão e a ortografia estar de acordo com a norma padrão. Algumas atitudes precisam ser tomadas pelos alunos: o gosto pelos próprios textos e aos textos alheios, aceitar e respeitar as normas básicas da língua, ser crítico em relação à própria escrita, identificar ativamente os problemas gramaticais e interessar-se por canais comunicativos pessoais e criativos no uso da língua (CURTO *et al.*, 2000).

Quanto à gramática, esta deve ser ensinada às crianças de forma significativa, pois além do aluno saber colocar tal pontuação no devido lugar, precisa saber também o "por quê" de estar utilizando-a. Dessa forma, a criança terá maior compreensão do sistema gramatical e de como funciona, colocando-o em prática, com competência. Por conseguinte, a gramática precisa ser ensinada e aprendida em todas as atividades de linguagem escrita, especialmente nos diálogos sobre o texto, na elaboração de rascunhos, ao escrevê-lo e revisá-lo (CURTO *et al.*, 2000).

Segundo Leite (2007) muitos docentes durante a prática da produção textual questionam-se sobre como abordar e ensinar a ortografia em sala de aula. Perguntam-se, se devem ou não corrigir os erros ortográficos dos alunos, qual o objetivo dessa correção, como fazer com

que a correção ortográfica não iniba a produção de outros textos por parte dos alunos, e como lidar com textos ortograficamente incorretos.

Sabe-se que aprender a ortografia convencional faz parte de todo o processo de alfabetização para que a criança adquira conhecimento sobre a escrita padrão, observe a maneira como as palavras são escritas, utilize seu conhecimento prévio para deduzir hipóteses e analisar as possibilidades para a resolução de um problema ortográfico que surgir (CURTO *et al.*, 2000).

Todavia, Morais (2003) adverte sobre o treino da norma ortográfica. Para o autor é necessário refletir sobre ela, o que a torna mais compreensível. Um dos suportes que auxilia o ensino da mesma é a revisão textual, pois além da ortografia, cuida também da textualidade e da apresentação do texto (formato, distribuição de ideias, limpeza). O professor deve adotar uma postura bastante cuidadosa em relação à ortografia.

Para compreendermos a complexidade atual de qualquer norma ortográfica, precisamos ter em mente que as formas de realização da linguagem, oral ou escrita, são históricas e refletem os percursos dos povos que as utilizam (MORAIS, 2003, p.10).

Leite (2007) compartilha deste pensamento, pois aconselha o professor a fazer o aluno refletir sobre os seus erros, tomar a ortografia como objeto de conhecimento e compreender que a escrita varia de acordo com o contexto em que está inserida e o gênero que é utilizado para realizá-la. Contudo, a supracitada alerta o professor para que a aprendizagem da ortografia seja significativa para o aluno, segundo os casos de regularidades e irregularidades. É preciso levá-lo a refletir sobre a grafia que ele mesmo produziu para que, assim, possa dominar a grafia oficial. Em caso de textos incorretos, do ponto de vista ortográfico, não se deve

somente assinalar o erro cometido pelo aluno ou escrever a forma correta sobre a escrita. É aconselhável fazê-lo refletir sobre os seus erros, e estes são uma grande fonte de informação para o professor, onde verificará quais aspectos devem ser mais trabalhados e aprofundados com seus alunos. Um instrumento imprescindível para abordar dificuldades ortográficas, e que auxilia muitos docentes e principalmente os alunos que estão no mundo do letramento é o dicionário, que deve ser bastante utilizado, uma vez que contribui significativamente na revisão ortográfica.

Conforme Curto *et al.* (2000) um texto bem escrito é aquele que possui legibilidade em sua escrita, e para que isso ocorra, necessita de treinamento. Contudo, para que a criança consiga escrever um texto com adequação à situação comunicativa, coerência e coesão é necessário que venha, a saber, que nem sempre a primeira tentativa de escrita é cem por cento correta e segura. Sempre há falhas, erros ortográficos, frases a serem completadas. Portanto, o papel do professor é desenvolver no aluno a atitude de autorrevisão, que também favorece o professor quanto às correções das produções realizadas pelos educandos que são, muitas vezes, complicadas e cansativas. Assim, ao desenvolver tal atitude em seus alunos é possível trabalharem juntos neste processo para tornar a revisão das produções mais prazerosas, com a participação ativa dos mesmos e promovendo a colaboração de uns com os outros. E, para despertar o interesse da correção por parte do aluno, o professor deve considerar os conhecimentos prévios e o nível de desenvolvimento e aprendizagem de cada um. Desta forma, melhora-se o texto e há aprendizagem significativa (CURTO *et al.*, 2000).

Entretanto, para que o próprio aluno perceba seus erros no texto e realize

a correção, primeiro o docente deve auxiliá-lo a escrever um pré-texto e, posteriormente, revisá-lo e corrigi-lo, se necessário. É interessante que o professor dê instruções ao aluno durante seu processo de escrita e não somente verificar e julgar o aluno sobre o texto acabado. E, ao invés de apontar os erros, o professor deve exaltar os acertos feitos pelos alunos e as ótimas produções realizadas. Assim, tem-se um estímulo fundamental para as produções de textos, pois com a apresentação dos acertos o aluno se sentirá seguro e terá prazer em realizar as atividades propostas (CURTO *et al.*, 2000).

*A correção formal de um texto, do ponto de vista gramatical, não é o mais importante do ato de escrever. O mais importante é que o texto consiga comunicar uma mensagem clara e compreensível [...] (CURTO et. al, 2000, p. 199, grifo do autor).*

Compartilhar a tarefa de correção, promovê-la em trabalho de grupo é mais motivador. Professor e alunos, juntos, têm a oportunidade de visualizar as diferentes produções, os erros, os acertos e o modo como cada um escreve. Há a troca de conhecimento e o professor pode orientá-los para a melhoria dos textos. Conforme Curto *et al.* (2000) e o PCN (BRASIL, 2000), o objetivo principal no compartilhamento da correção entre os próprios alunos é o de que eles possam identificar dúvidas, propor problemas, buscar informações, argumentar, debater, pesquisar e raciocinar. O professor tem o papel de orientador, de moderador do ensino. É dele a função de capacitar seus alunos para o mundo, de transmitir novos conhecimentos a eles, e principalmente, torná-los leitores e escritores competentes. É importante que o professor se preocupe em motivar o aluno a buscar mais, a querer mais, a aprender mais, sempre elevando o nível de complexidade das atividades propostas. Convém reconhecer que

escrever não é uma atividade simples, pois requer reflexão, tomada de decisões e resolução de problemas. Portanto, na tarefa de correção da produção textual é preciso que o docente selecione os aspectos que serão abordados, pois devido as peculiaridades de cada aspecto, não é possível abordar todos ao mesmo tempo.

Ou bem se foca a atenção na coerência da apresentação do conteúdo, nos aspectos coesivos e pontuação, ou na ortografia. E, quando se toma apenas um desses aspectos para revisar, é possível, ao fim da tarefa, sistematizar os resultados do trabalho coletivo e devolvê-lo organizadamente ao grupo de alunos (BRASIL, 2000, p. 81).

Sendo assim, fica claro o quanto a reflexão é necessária para que o aluno melhore progressivamente sua capacidade de grafar e aprenda a analisar, avaliar e, conseqüentemente, dominar e compreender, não somente os aspectos ortográficos, mas sim, todos os elementos textuais necessários para uma escrita competente.

### **2.3 A Avaliação da Produção Escrita**

Em toda prática educacional o planejamento e a avaliação dos processos educacionais são fundamentais para a atuação docente, visto que o que acontece nas aulas não pode ser entendido sem uma análise que leve em conta as intenções, as previsões, as expectativas e a avaliação dos resultados, cita Zabala (1998). Para Luckesi (1990, p. 44) a avaliação

[...] é uma atividade que não existe nem subsiste por si mesma. Ela só faz sentido na medida em que serve para o diagnóstico da execução e dos resultados que estão sendo buscados e obtidos. A avaliação é um instrumento auxiliar da melhoria dos resultados.

Em consonância com o pensamento exposto, Zabala (1998) salienta que ao falar em avaliação, conseqüentemente,

pensam-se nos resultados adquiridos pelos alunos no decorrer de um determinado período. Entretanto, para o supracitado, a avaliação é o instrumento ou processo que avalia o grau de alcance de cada criança em relação a determinados objetivos previstos, e a cada realização redirecione os objetivos e as estratégias desse processo. O sujeito da avaliação, em algumas situações, ora é o aluno ou a classe, ora o(a) professor(a) ou a equipe docente. O objeto da avaliação, às vezes é o processo de aprendizagem e os resultados obtidos pelo aluno, ou até mesmo, a própria intervenção do professor.

Conforme Curto *et al.* (2000) existe uma profunda concepção escolar que difere as atividades cotidianas de ensino e aprendizagem de algumas atividades destinadas à avaliação. O professor deve aplicar as atividades de avaliação em todas as etapas do período e não somente no final deste, e registrar todas as suas observações. Não é possível e nem necessário anotar tudo a todo o momento, mas sim, os pontos mais importantes. O trabalho em pequenos grupos com a presença direta do professor na realização das atividades é o que traz maior garantia de acompanhamento e observação sistemática de cada aluno.

Zabala (1998) orienta o docente para verificar quais as condições de cada aluno, para que assim, dê andamento em sua prática pedagógica adequando-a às necessidades e conhecimentos de cada um. Neste caso, constitui-se um processo no qual o docente deve fazer sua primeira avaliação - avaliação inicial - para verificar o que cada aluno sabe, o que pode chegar a saber e como aprender. A avaliação se faz a partir do momento em que o professor escolhe a atividade que irá propor para seus alunos, estabelecendo os objetivos e conteúdos a serem trabalhados, conforme serão capazes de desenvolver.

Quando a avaliação é feita de forma compartilhada, ela se enriquece e,

consequentemente, o ensino e aprendizagem terão mais significado e eficiência. De acordo com o PCN (BRASIL, 2000), o professor deve ser o mediador na construção social do conhecimento do aluno e, por meio da avaliação, propor melhorias para os processos de ensino e de aprendizagem. O docente deve definir os objetivos de cada atividade e elaborar instrumentos concretos de registro, tal como o quadro de avaliação que organiza e define melhor os aspectos que deverão ser trabalhados com o aluno. Do contrário, os objetivos serão reduzidos na prática, caindo na rotina. E, conforme pontua Curto *et al.* (2000), o professor deve refletir sempre sobre a própria prática de ensino como ponto de melhora tanto profissional como pessoal.

O caráter formativo da avaliação de ensino, como explica Curto *et al.* (2000), é fundamental para que as dúvidas do professor sejam sanadas, fazendo com que ele verifique a necessidade de melhora no planejamento de suas atividades - se deu certo ou não - e assim avaliá-las, de acordo com a demanda de alunos. Nesta perspectiva, Zabala (1998) aponta a necessidade de instrumentos teóricos que permitam ao docente uma análise da prática educativa realmente reflexiva. Por conseguinte, as finalidades, propósitos, objetivos gerais ou as intenções educacionais constituem o ponto de partida que determina e dá sentido à intervenção pedagógica.

Nota-se, portanto, a existência de inúmeros elementos que configuram a prática pedagógica em torno da avaliação, os quais são bastante complexos. Um trabalho bem planejado e adequado à demanda de alunos sempre terá um resultado propício e desejado pelo professor. Para isto são necessárias metodologias didáticas bem eficazes, que visem sempre as singularidades de cada aluno e a reflexão da prática pedagógica por parte do professor.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica se iniciou com o estudo referente à fundamentação teórica do ensino da produção escrita e sua avaliação nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Buscou-se analisar “se” e “como” os docentes do 5º ano realizavam a avaliação da produção textual. Para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado realizou-se um estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa. Portanto, trata-se de uma pesquisa que busca expor os conhecimentos teóricos e os critérios considerados pelos docentes para a correção e avaliação da produção escrita.

Em uma pesquisa qualitativa, de acordo com as concepções de Danhki (1989 *apud* SAMPIERI *et al.*, 2006) descrever é coletar informações. Os estudos descritivos, por sua vez, buscam especificar as propriedades, as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenômeno analisado.

Para a realização da investigação foi escolhida uma turma de 5º ano do ensino fundamental de turnos diferentes - matutino e vespertino - de uma escola da rede pública do município de Cachoeira de Minas, MG. Participaram como sujeitos da pesquisa as professoras regentes do 5º ano e a supervisora pedagógica de cada turno. A escolha das docentes ficou sob a responsabilidade do gestor escolar, porém, era preciso que estas tivessem pelo menos três anos de experiência em turmas de 5º anos.

É importante frisar que houve a preocupação em atender as diretrizes de ética em pesquisas que envolvem a participação de seres humanos (BRASIL, 2012). Portanto, os sujeitos da pesquisa tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com informações dos objetivos da pesquisa, o

caráter ético, a preservação do anonimato e a liberdade de querer participar ou não.

A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica e documental, observação direta em aulas de produção textual e entrevista semiestruturada com as docentes e supervisoras pedagógicas. Os áudios das entrevistas foram gravados e, posteriormente, transcritos para análise. Para Sampieri *et al* (2006) a entrevista qualitativa é mais flexível e aberta. É definida como um diálogo entre o entrevistador e o(s) entrevistado(s). Seu objetivo é obter respostas sobre o tema e as opiniões do entrevistado. No entanto, é preciso que o entrevistador tenha uma escuta atenta, pois a narrativa de cada resposta é fundamental para a coleta de dados da pesquisa.

As observações diretas em sala de aula aconteceram de junho a setembro de 2015, e as aulas de produção textual aconteciam uma vez por semana. Cada aula tinha duração de 50 minutos e as observações foram registradas em um diário de campo. Vale ressaltar que não houve nenhuma interação da pesquisadora com os alunos ou o professor regente durante as aulas de produção de texto observadas.

As informações coletadas foram categorizadas de acordo com os objetivos da pesquisa para que, posteriormente, fossem analisadas. A seguir, as categorias utilizadas:

- a) orientações para a prática da produção textual;
- b) fundamentação teórica para a avaliação da produção textual; e
- c) correção e avaliação da produção textual.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

Foi possível verificar por meio da análise dos dados e da observação direta uma diferença no trabalho docente para a prática da produção textual nas duas

turmas de 5º anos - matutino e vespertino - da mesma instituição de ensino. A docente 1 apresenta diferentes propostas de escrita aos alunos e possibilita que sejam críticos e reflexivos perante o texto, despertando-lhes o interesse. A docente 2 apresenta propostas em que não há conexão com a realidade dos alunos, deixando-se levar pela monotonia e, de acordo com Zabala (1998), um fazer pedagógico sem referências para a reflexão da ação educativa.

Em relação à forma como o texto do aluno retorna para a sala de aula depois de lido, percebe-se que a docente 1 trabalha com o pré-texto, ou seja, com o rascunho, conforme orientam Curto *et al.* (2000) e o PCN (BRASIL, 2000). Após ler o texto do aluno e corrigi-lo, na aula seguinte solicita as correções, realizando intervenções individualmente. Os alunos transcrevem o texto no caderno de produção com as devidas correções. Em seguida, oportuniza a leitura dos textos produzidos. A docente 2 proporciona a realização da escrita somente no caderno de produção textual. As produções são corrigidas pela docente em sala de aula, no mesmo dia em que são produzidos os textos. Percebe-se que devido ao pouco tempo disponível, a leitura torna-se superficial e não ocorre um trabalho específico em relação aos aspectos discursivos do texto, como recomendam Leite (2007), PCN (BRASIL, 2000) e Curto *et al.* (2000). Os alunos recebem os cadernos com o visto da professora e a atividade de escrita é encerrada. Não se presenciou a leitura oral dos textos produzidos pelos alunos neste dia e nem na próxima aula, pois era outra proposta de escrita.

De acordo com a supervisora A, em sala de aula, o aluno deve realizar primeiramente um rascunho, que depois de lido e corrigido pela docente, deverá ser reescrito em seu caderno de produção textual com as devidas correções. A

supervisora salienta: *"As docentes demonstram muita dificuldade, porque o texto deve ser bastante incentivado para ser escrito e depois que ele é escrito deve haver a correção de um por um. Após, o aluno deve reescrever, passar a limpo e isso leva muito tempo. É essa demora que as fazem resistir ao intenso trabalho com a produção textual"*.

A dificuldade e/ou resistência por parte do professor em trabalhar com rascunhos na prática de produção de textos também é visível quando a supervisora B declara *"seria fundamental a devolução do texto para os alunos e uma devida exploração do mesmo. Entretanto, a docente não realiza tal ação, pois o trabalho com a produção textual leva muito tempo"*. Percebe-se, uma confirmação às ideias de Geraldi (2001), sobretudo quando afirma que a prática de produção de texto é um problema para as escolas. Contudo, o PCN (BRASIL, 2000) pontua que o trabalho com rascunhos é uma excelente estratégia didática para que o aluno perceba a provisoriade dos textos e tenha a oportunidade de analisar seu próprio processo de escrita e revisar seu texto.

Em relação à correção e à avaliação da produção textual, tanto a docente 1 como a 2 as realizam de forma individual. A docente 1 focaliza os aspectos discursivos e notacionais: estrutura do texto (parágrafos e travessões), ortografia e conhecimentos linguísticos. Também utiliza alguns símbolos no momento da correção dos textos dos alunos, e cada um deles significa uma determinada alteração a ser realizada por eles no texto. A docente 2 se preocupa mais com os aspectos notacionais: pontuação, segmentação de palavras, uso da letra maiúscula e de parágrafo. Contudo, acredita que *"o aluno deve ser capaz de expressar-se bem, expor suas ideias, tanto oralmente quanto por meio da escrita e, conseqüentemente, obter uma comunicação adequada com as*

*pessoas de seu meio; saber que ao escrever, escreve para alguém, transmite uma mensagem, e relata suas experiências e vivências"*. Entretanto, não se percebeu na observação direta, um trabalho pedagógico que levasse o aluno a pensar no tipo de linguagem a ser utilizada na escrita, como fazer com que a mensagem chegasse de forma clara e objetiva ao leitor e como melhorar o texto. Curto *et al.* (2000) salientam que a correção por parte do aluno, orientada pelo professor, pode levá-lo a uma aprendizagem significativa.

A supervisora B, durante a entrevista, afirmou que *"os docentes devem levar em consideração o conhecimento lógico do aluno; se o texto apresenta começo, meio e fim; se possui uma seqüência lógica, pontuação correta e gramática. Dessa forma, o texto deve possuir uma escrita clara e objetiva, a ortografia básica de acordo com as normas, com estrutura e, ser pertinente ao tema proposto"*. Todavia, verificou-se na observação direta que as docentes não possibilitam ao aluno, conforme orientam Curto *et al.* (2000), utilizar seu conhecimento prévio para deduzir hipóteses e analisar as possibilidades para a escrita do texto. Era solicitado ao aluno um texto bem escrito, atendendo à norma padrão, e quase sempre, apresentavam respostas prontas sobre a forma como deveriam produzir o texto, não havendo tempo para análise e reflexão sobre o mesmo.

Quanto à fundamentação teórica para a prática pedagógica da produção textual, embora as supervisoras A e B mencionem na entrevista orientações às docentes, estas acabam por não utilizá-las na íntegra. Verificou-se que utilizam o planejamento anual de Língua Portuguesa da instituição como material teórico e de orientação para a prática de produção textual e algumas vezes, fontes da internet e materiais destinados aos professores. O



PCN não foi mencionado em nenhum momento das entrevistas como objeto de estudo e orientação para as práticas pedagógicas em sala de aula, assim como nenhum outro referencial teórico. Para a docente 2 *"Todas as propostas são baseadas em cima do nosso planejamento de Língua Portuguesa. Lá vem apresentando os gêneros textuais que nós precisamos trabalhar com os alunos ao longo do ano, então cada semana eu trabalho um gênero textual e tento ir acrescentando para os alunos, mudando as atividades, reelaborando-as, pesquisando na internet e trazendo alguns materiais para que possam estar utilizando"*.

Conforme relatos, as docentes recebem orientações da supervisora para o trabalho com a produção textual nos módulos realizados semanalmente, de forma individual e no turno em que trabalham. Quinzenalmente ocorrem encontros com todos os professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Dentre as orientações transmitidas nos módulos, a docente 1 relata *"é orientado escolher alternadamente, nos dias de trabalho com a produção textual, um critério apenas a ser avaliado no texto do aluno. Por exemplo: em um dia cobrar a estrutura do texto: título, autor, parágrafo; e deixar a correção ortográfica para outro dia"*. Curto *et al.* (2000) e o PCN (BRASIL, 2000) orientam este tipo de procedimento para a revisão e correção da produção textual, pois devido às peculiaridades de cada aspecto, não é possível abordar todos ao mesmo tempo.

De acordo com a supervisora A *"é passado às docentes, embora haja um pouco de resistência, explorar o texto com os alunos e revisá-lo para que possam fazer as correções necessárias e reescrevê-lo. Posteriormente, num segundo momento, passar para a produção em equipe, todo mundo trocando ideias, mas cada um faz no seu caderno [...]"*. O PCN

(BRASIL, 2000), afirma que o professor deve ser o mediador na construção social do conhecimento do aluno e, para Curto *et al.* (2000), o trabalho em pequenos grupos, com a presença direta do professor na realização das atividades traz maior garantia de acompanhamento e observação sistemática de cada aluno.

Verificou-se que a prática educativa para a produção escrita possui olhares diferenciados. A docente 1 trabalha na perspectiva de interação social, além de se comunicar por meio da mensagem que quer transmitir, o aluno pode interagir com o meio e com as pessoas à sua volta, compreender sua realidade. Ela propõe atividades em que os alunos realizam a troca de saberes e conhecimentos adquiridos. A docente 2 trabalha a produção escrita como meio de comunicação. O aluno transmite uma mensagem a um único leitor, no caso o professor. De acordo com as supervisoras, o trabalho com a produção textual é fundamental para que o aluno interaja socialmente. Zabala (1998) alerta que além de serem trabalhados os conteúdos associados ao futuro profissional do aluno, também deve ser desenvolvida a autonomia pessoal, equilíbrio, inserção pessoal. Deste modo, o ensino centra-se nas singularidades de cada um dos alunos e não somente da demanda como um todo.

Conclui-se, portanto, que embora as docentes recebam orientações das supervisoras, elas carecem de conhecimentos científicos que lhes permitam analisar, refletir e reorientar o fazer pedagógico para que a prática de produção textual seja significativa e possibilite a formação de escritores competentes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância que haja uma articulação entre a teoria e a prática,

principalmente quanto ao fazer pedagógico para a produção textual com vistas à formação de escritores competentes, ou seja, sujeitos ativos, que analisam e refletem sobre a própria escrita.

A prática docente deve propiciar ao aluno oportunidades de se expressar, interagir por meio da escrita com as pessoas à sua volta, dentro e fora da escola. É preciso despertar o interesse do aluno perante a produção textual por meio de atividades diversificadas e próximas à sua realidade, para que amplie seus conhecimentos e dê significado àquilo que está produzindo.

É fundamental que o aluno compreenda as peculiaridades de um texto e os elementos que o compõem, assim como dar valor ao trabalho com rascunhos. É preciso que o aluno aprenda a revisar seu texto e adequá-lo à situação comunicativa, ao tipo textual, quantas vezes forem necessárias. É importante que aprenda a ser um sujeito crítico e reflexivo de suas produções e que colabore com as produções dos colegas. E cabe ao professor, considerar os conhecimentos prévios dos alunos, suas ideias e pensamentos, não avaliando somente os erros ortográficos.

Sendo assim, espera-se que por meio desta pesquisa, os docentes, os profissionais da educação e demais interessados pela área tenham um olhar atento e reflexivo para a prática da produção textual, em especial para a avaliação. Que eles possam reconhecer que os conhecimentos científicos propiciam condições de melhorias, oportunidade de análise, avaliação, reflexão e reorientação da prática educativa. Para tanto, faz-se necessário que o docente esteja em constante processo de formação continuada.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466.**

Brasília: MS/CNS, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 2000.

CURTO, L. M.; MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ, M. M. **Escrever e Ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler.** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000. Vol. I.

GERALDI, J. W. (Org). **O Texto na Sala de Aula.** São Paulo: Ática, 2001.

LEITE, K. M. B. S. (Org). **Ortografia na Sala de Aula.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUCKESI, C. **Prática Docente e Avaliação.** Rio de Janeiro: ABT, 1990.

MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender.** São Paulo: Ática, 2003.

SAMPIERI, R. H. *et al.* **Metodologia de Pesquisa.** Trad. Fátima Conceição Murad. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 26., Caxambu, 2003. **Anais da 28ª Reunião Nacional da ANPED.** Caxambu: ANPED, 2003. p. 1-18.

ZABALA, A. **A Prática Educativa: como ensinar.** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# A OTIMIZAÇÃO DA VIDA POR MEIO DE FÁRMACOS CONTROLADOS: UM ESTUDO SOBRE AS CONTROVÉRSIAS DA RITALINA NA MÍDIA

**Samanta Roberta da Silva Nóra**

Graduanda em Pedagogia

Bolsista de Iniciação Científica da Fapemig

samanta.nora@hotmail.com

**Thiago Ribeiro de Freitas**

Professor Orientador

thiagofreitas@fai-mg.br

**Resumo:** este artigo se origina de uma pesquisa que analisou as controvérsias presentes no uso da Ritalina por estudantes, na tentativa de otimizar as suas funções cerebrais e, assim, obterem melhores rendimentos em estudos e exames escolares. Para tanto, foi realizada uma busca por matérias em três mídias jornalísticas *on-line* considerando seus impactos no país: Folha de São Paulo, Estadão e G1. Observaram-se posicionamentos distintos, de diferentes atores, em um campo controverso e embaraçado cujas argumentações apontam para uma necessidade de maior discussão e amadurecimento do campo. Deste modo, foi possível compreender um movimento na cultura contemporânea em que pessoas passam a compreender seus *selves*, em termos de “*selves* neuroquímicos”, intervindo diretamente na otimização de suas funções cerebrais, por meio da Ritalina, com o intuito de ampliar o rendimento nos estudos do dia-a-dia.

**Abstract:** this paper originates from a research that analyzed the present controversies in the use of Ritalin by students in an attempt to optimize their brain function and thus obtain better performance in school studies and tests. Therefore, a research for subjects was carried out in three journalistic online media considering their impact on the country: Folha de São Paulo, Estadão and

G1. As a result, it was observed different positions from different actors in a controversial and embarrassed field whose arguments point to a need for further discussion and maturation of the field. Thus, it was possible to understand a movement in contemporary culture where people come to understand themselves in terms of “*selves* neurochemical” by intervening directly in the optimization of their brain function, by Ritalin, in order to increase the performance in studies of day-to-day.

**Palavras-chave:** *Self* neuroquímico. Ritalina. Metilfenidato. Controvérsia.

**Keywords:** Neurochemical self. Ritalin. Methylphenidate. Controversy.

## 1 INTRODUÇÃO

Lançado em meados da década de 1950, para o tratamento de crianças com ‘Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)’, o Metilfenidato, princípio ativo do medicamento, conhecido comercialmente como ‘Ritalina’, passou a ser popular também entre universitários, não para conter distúrbios de atenção ou de hiperatividade, mas sim, para otimizar funções cerebrais para um maior rendimento em estudos para provas e exames.

O Brasil é o segundo país do mundo que mais receita o medicamento Ritalina, ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA). De acordo com o boletim de farmacoe epidemiologia SNGPC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), em 2011, foram comercializadas 1.212.850 caixas do medicamento nas farmácias do país (BRASIL, 2012). Cambricoli (2014) pautada por dados do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) aponta que, em dez anos, o consumo de Metilfenidato cresceu 775%. E como o medicamento, com frequência, tem sido consumido sem prescrição médica, dificulta o mapeamento do perfil dos que dele fazem uso e de quantos o utilizam visando aprimorar as funções cerebrais relacionadas à concentração.

Segundo Pastura e Mattos (2004) e Newcorn *et al* (1998), o mecanismo de ação da substância Metilfenidato consiste em liberar, indiretamente, noradrenalina e dopamina dos terminais sinápticos, agindo no processamento seletivo de informações recebidas, isto é, na atenção, no processamento de ‘estímulos relevantes’ e na inibição de ‘estímulos irrelevantes’, restringindo, assim, comportamentos entendidos como hiperativos. Por conseguinte, o aumento da concentração e a eliminação de comportamentos entendidos como hiperativos são alvos visados por estudantes, na tentativa de otimizar suas funções cerebrais e melhorarem seus desempenhos em estudos para a realização de exames.

Na busca de melhor compreender sobre a utilização de Ritalina para otimizar funções cerebrais faz-se necessária uma discussão sobre algumas remodelações ocorridas na medicina nos países industrializados decorrentes de sua intensa capitalização.

Rose (2007) aponta que, se no século XIX emergiu um tipo de medicina clínica que se estendeu até a década de

1960, cujo foco situava-se no corpo sistêmico, em um nível “molar”, ou seja, na escala dos “membros, órgãos, tecidos, fluxos de sangue, hormônios e assim por diante”, a partir da década de 1960, a vida passou a ser compreendida e colocada em prática pela biomedicina em outro nível, o “molecular”, em que o olhar clínico foi complementado, se não suplantado, por técnicas altamente sofisticadas de experimentação que intervêm sobre a vida nesse nível.

A vida nesse nível molecular implica, por exemplo, em um tipo de compreensão em que o controle das variações no humor, dos impulsos, da concentração e da personalidade, pode ser alcançado por meio de drogas específicas que atuam em locais específicos, com o intuito de “reequilibrar” processos químicos, no cérebro, “desequilibrados” (ROSE, 2004). Neste caso, a Ritalina, ao liberar noradrenalina e dopamina dos terminais sinápticos age na otimização da concentração, para reequilibrar processos químicos “desequilibrados” em locais específicos do cérebro.

Esta lógica da biomedicina contemporânea em que males cotidianos, como a depressão, a desordem de ansiedade generalizada, o TDAH, dentre outros, são entendidos por uma disfunção química no cérebro que, por sua vez, podem ser tratados por meio da utilização de drogas que visam ‘reequilibrar’ esse desajuste químico, configuram modos de ser compatíveis a um ‘*self* neuroquímico’, em que psicofármacos são endereçados ao rearranjo dos nossos ânimos, emoções, desejos e inteligência (ROSE, 2004; GUARESCHI; AZAMBUJA; LARA, 2012; ROTONDARO, 2013).

Deste modo, esta pesquisa objetivou analisar as controvérsias presentes no uso da Ritalina por estudantes, na busca de otimizar as funções cerebrais e, assim, obterem melhores

rendimentos em estudos e exames cotidianos.

De modo específico, a pesquisa analisou argumentações e posicionamentos de distintos atores presentes em matérias de jornais de circulação diária e de impacto nacional, situando o contexto de utilização do fármaco e discutindo sobre as controvérsias presentes no campo, foco deste estudo.

## 2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em três mídias jornalísticas *on-line* considerando seu impacto no país: Folha de São Paulo, Estadão e G1. Para localizar as matérias sobre o assunto em questão utilizou-se as ferramentas de busca de cada mídia considerando as palavras-chave: “Ritalina” e “Metilfenidato” em cada mídia. Depois de obtidos os resultados, as matérias, em um primeiro momento, foram arquivadas, para seleção e exclusão das que fossem repetidas, ou por não tratar diretamente sobre o tema proposto. Depois de arquivadas e selecionadas, as matérias foram separadas por foco: 1) Utilização para conter Distúrbios como TDAH e 2) Utilização para otimização de atividades cerebrais.

Para melhor visualização do campo e compreensão de quando tais assuntos se tornaram de interesse para a mídia e quais foram os eventos mais importantes nesse cenário, durante o período pesquisado, foram elaborados dois quadros, um para o foco ‘TDAH’ e outro para o foco ‘Otimização das funções cerebrais’. Para tanto foram utilizados os seguintes critérios: data, editoria, autoria, e evento disparador.

Em um momento posterior a atenção recaiu sobre as matérias que tratavam de otimização das atividades cerebrais para uma análise das argumentações e dos posicionamentos dos distintos atores envolvidos nas matérias.

Para selecionar as matérias a serem analisadas nesta etapa da pesquisa, optou-se por eleger a editoria com o maior número de matérias publicadas sobre otimização. Deste modo, após a seleção, as matérias foram analisadas por meio da utilização de mapas dialógicos.

Os mapas têm o objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção linguística, dos repertórios utilizados nessa construção e da dialogia implícita na produção de sentidos. Constituem instrumentos de visualização que têm duplo objetivo: dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo (SPINK; LIMA, 2004, p. 107).

Deste modo, os mapas dialógicos permitiram contrastar e analisar os argumentos e os posicionamentos em cada documento selecionado e, para tanto, os mapas foram elaborados considerando duas categorias gerais para análise: ‘estudantes’ e ‘controvérsias na utilização da substância Metilfenidato’, que foram divididas em subcategorias.

Destaca-se o fato de que as categorias foram criadas de acordo com a necessidade da matéria, portanto, não eram fixas. Encontrou-se na categoria ‘Estudantes’ as seguintes subcategorias: ‘otimização do cérebro’, ‘otimização via outras drogas’, ‘efeitos colaterais’, ‘danos à saúde’ e ‘falsa sensação de otimização’. Para a categoria ‘controvérsias na utilização da substância Metilfenidato’ foram utilizadas as seguintes subcategorias: ‘danos à saúde’, ‘dependência’, ‘carência de debates sobre o tema’, ‘ausência de regulação do campo’, ‘uso indevido da substância’ e ‘não cumprir o que promete’.

A partir de tais categorias, os conteúdos das matérias foram transpostos em sua totalidade, permitindo contrastar as

argumentações apresentadas pelas mídias jornalísticas.

É importante ressaltar que, nesta pesquisa, as mídias são entendidas como documentos de domínio público que consistem em práticas discursivas que sustentam estratégias de governamentalidade (SPINK; MENEGON, 2005). Essas mídias são produtos do cotidiano, isto é, complementam, integram e concorrem com a narrativa e com a memória. Duas práticas são refletidas em tais documentos: uma enquanto “gênero de circulação, como artefatos do sentido de tornar público” e, outra, “como conteúdo em relação àquilo que está impresso em suas páginas”, são produtos sociais tornados públicos (SPINK, 2004, p. 126).

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A busca por matérias sobre ‘Ritalina’ ou ‘Metilfenidato’, nas três mídias analisadas, resultou em um total de 262 matérias. Sendo que na Folha de São Paulo foram encontradas 84 delas, no Estadão, 68 e no G1, 110 matérias com tais descritores. Após o trabalho de seleção do material, excluindo aquelas matérias que eram repetidas ou porque não apresentavam foco no assunto discutido, obtiveram-se os seguintes números: Folha de São Paulo, 47, G1, 43 e, Estadão, 34, totalizando 124 matérias para a análise.

Do material selecionado, 87 matérias focavam a discussão sobre TDAH e 37 sobre otimização das funções cerebrais. Observou-se que a primeira matéria que versava sobre TDAH foi localizada no ano de 2001 e sobre Otimização das funções cerebrais no ano 2007. Destaca-se o fato de que as matérias sobre TDAH foram mais expressivas no ano de 2013 com 26,8% e 2014 com 24,4%. Já referente às matérias sobre otimização das funções cerebrais, 2008 foi o ano em que o tema foi mais discutido, com 26% das matérias a respeito; seguido

de 2009 com 18,5%. Observa-se que embora a discussão inicial do uso da substância Metilfenidato restrinja-se ao tratamento de TDAH, a discussão passa a englobar, no decorrer do tempo, outras questões cujo foco não se restringe ao mero tratamento de transtornos e passa a compreender a utilização da substância para promover otimizações e melhorias do sistema nervoso central. Não obstante, pontua-se que o uso de Ritalina para tratar TDAH não sai de cena, apenas abre margem para envolver outras maneiras de uso, cujo foco deixa de ser apenas o tratamento e passa a envolver a promoção de otimizações, conforme o Gráfico 1.

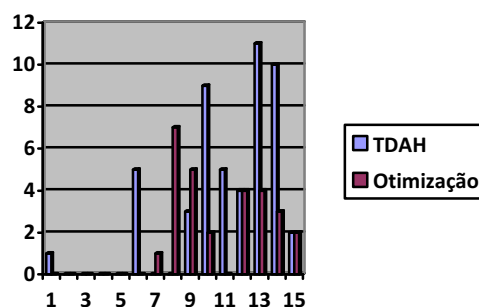


GRÁFICO 1 – Número de matérias/ano

Observou-se que as matérias sobre TDAH foram mais divulgadas nas editorias Notícia G1 (24,3%) e Notícia Estadão (4,8%), em segundo lugar na editoria Geral Estadão (19,5%). Sobre otimização as editorias em que mais foram divulgadas matérias sobre o tema encontrou-se: Notícia do Estadão.com (18,5%), Notícia G1.com (14,8%) e Equilíbrio e Saúde da Folha de São Paulo.com (14,8%).

Destacam-se que das 124 matérias analisadas, 3,2% eram de autoria da agência *France-Presse*, uma das principais no ramo de notícias do mundo sobre a atualidade internacional. Em seguida, com 2,4%, encontram-se os jornalistas da Folha de São Paulo, Claudia Collucci e Rafael Garcia, sendo a primeira especializada em saúde e o segundo com formação no

programa *Knight* de jornalismo científico no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT).

Ao realizar uma primeira aproximação com as matérias das três mídias, observou-se que os assuntos abordados, referentes à utilização do medicamento no tratamento de TDAH, tratavam prioritariamente (43,3%) sobre o consumo exagerado da Ritalina por crianças. Evidenciando o aumento exponencial da utilização do medicamento no país e as consequências e impactos desse uso desenfreado na saúde da população infantil. Em seguida, encontrou-se uma forte discussão sobre a tenuidade do diagnóstico do TDAH (32,5%), cuja ausência de critérios bem definidos abria margens para controvérsias na prescrição da substância Metilfenidato. As matérias que abordavam assuntos relacionados ao uso de Ritalina com finalidades de otimizar funções cerebrais focaram prioritariamente (55%) no *doping* intelectual, ou seja, fazer uso do medicamento para “turbinar” o cérebro e melhorar o desempenho nos estudos, seguido de danos à saúde (14,8%) que vinham apontar os malefícios que a Ritalina poderia causar em pessoas saudáveis ou que não possuísem o TDAH.

Após esta primeira análise, voltou-se o foco para as matérias que tratavam de otimização das atividades cerebrais a fim de entender as argumentações e os posicionamentos dos distintos atores envolvidos em tais matérias. A editoria ‘Notícia’ do jornal *online* G1 continha o maior número de matérias com o foco da pesquisa e, portanto, as dez matérias publicadas nesta editoria sobre otimização das funções cerebrais, foram selecionadas para essa outra fase da análise.

Com a análise e o contraste das matérias, evidenciaram-se dois focos principais: de um lado, os estudantes que utilizavam Metilfenidato para otimizar o desempenho nos estudos cotidianos e, de

outro, as controvérsias no uso de tal substância para esse propósito.

Uma das principais argumentações dos estudantes na defesa da utilização da Ritalina consistia no aumento do “fôlego” para conseguirem aguentar a maratona de estudos. Aperfeiçoar o foco e a concentração era o alvo dos defensores do uso da Ritalina em cinco das dez matérias analisadas:

Desejava não dormir para poder estudar mais e ter melhor desempenho nas provas do curso (BOM DIA BRASIL, 2010).

Comecei a tomar porque eu estava muito pressionado em relação a provas, datas de provas. Estava em uma situação que eu não via alternativa senão recorrer a esse tipo de medicamento (BOM DIA BRASIL, 2010).

Eu queria estudar um volume maior de matéria e conseguir assimilar todo o conteúdo e fixar e realmente aprender (BRASIL, 2009).

Também foi observado que uma das formas de otimizar as funções cerebrais para elevar o rendimento nos estudos consistia em controlar o TDAH e, para alcançar esta tarefa, além da Ritalina, outras substâncias também eram somadas nesta missão de otimizar o cérebro, conforme exemplos de duas das dez matérias:

Eu queria estudar para concurso também, e o médico me falou que eu era hiperativo e receitou o medicamento para eu experimentar (MORENO, 2012).

Foram três colheres desse extrato de guaraná em pó, três colheres (BOM DIA BRASIL, 2010).

É importante destacar que os estudantes apontavam efeitos colaterais com o uso do medicamento, que envolviam taquicardia, agitação, falta de ar, ansiedade e sono irregular. Além dos efeitos colaterais, os estudantes apontavam

para o fato de o medicamento, muitas vezes, não cumprir com o esperado no aumento da concentração:

Eu tinha encerrado os estudos, fui dormir. Lembro, quando fui deitar, que comecei a sentir uma taquicardia muito forte (BOM DIA BRASIL, 2010).

Eu já estava estudando para concurso e não aconteceu nada, não senti diferença, só ficava um pouco mais agitado e acelerado (MORENO, 2012).

Particularmente não gostei. O resultado não foi bom, a concentração não melhorou, fiquei mais agitado, me deu falta de ar (MORENO, 2012).

Se eu tava um pouco ansioso, ficava excessivamente ansioso. Ficava totalmente desregulado, não sabia a hora que ia me dar sono e tudo... (BRASIL, 2009).

Além dos efeitos colaterais, uma das matérias traz a percepção de um estudante sobre o aumento apenas quantitativo da capacidade de se concentrar, visto que ter a concentração elevada não criava uma relação direta de causa-efeito com a aprendizagem.

A concentração realmente aumenta, mas é falha, porque ficar sentada nem sempre quer dizer que você está aprendendo (ESTADÃO, 2012).

É importante ater-se, por um momento, nos efeitos da molecularização da saúde aparentes nos argumentos que trazem dificuldades de concentração e de retenção de informações como consequências de desequilíbrios químicos que ocorrem no cérebro, propícios a tratamentos por drogas específicas para atuarem em locais específicos, como o caso da Ritalina, com o intuito de "reequilibrar" tais processos químicos. Essa recodificação do cotidiano, de explicar as dificuldades de concentração e de retenção de informações em termos de neuroquímica ou de atividades cerebrais, é

apenas um dos elementos de um modo de mutação generalizada, conforme aponta Rose (2004), em que os ocidentais, passaram a compreender seus *selves*, isto é, *selves* neuroquímicos.

Observa-se que embora as matérias trouxessem os posicionamentos de estudantes que defendiam o uso da Ritalina para otimizar as funções cerebrais e, assim, obtivessem resultados mais satisfatórios em avaliações cotidianas, o foco das matérias tendeu para o lado das controvérsias e dos impactos que os usos desenfreados de tais medicamentos, em uma zona com poucos controles regulatórios, poderiam provocar à saúde da população.

Neste cenário, encontram-se argumentos que apontam preocupações concernentes ao uso da substância Metilfenidato e, dentre as principais, destacam-se: os malefícios à saúde advindos de sua utilização e a dependência potencial que a substância pode ocasionar em seus usuários, conforme evidenciado nos exemplos a seguir:

Os efeitos colaterais são graves, segundo Silveira, e inclui crise de pânico, de ansiedade, depressão e até sintomas psicóticos (MORENO, 2012).

O candidato pode ficar paranoico, ouvir vozes e passar a interpretar a realidade de forma errônea. Alguns não conseguem mais dormir (MORENO, 2012).

O psiquiatra Fábio Barbirato explica que a pessoa pode ficar sedada, dopada, mais irritada e muito ansiosa e exemplifica: 'É como pegar um óculos para quem não tem miopia e colocar em uma pessoa' (GLOBO NEWS, 2013).

A consequência do uso contínuo das anfetaminas, segundo Laranjeira, é o que os médicos chamam de 'efeito rebote', que, além da dependência, provoca depressão (MORENO, 2012).



A Ritalina, assim como qualquer anfetamina, tem um alto grau de dependência (BOM DIA BRASIL, 2010).

Além disso, há a preocupação com o aumento do consumo do medicamento no país durante os últimos anos, conforme observado no exemplo a seguir:

O Ministério da Saúde não tem um levantamento sobre o uso da Ritalina por região, mas uma pesquisa da Universidade estadual do Rio de Janeiro mostrou que o uso do medicamento cresceu quase 800% nos últimos dez anos no Brasil (BERBER, 2015).

Tal elevação no consumo da substância Metilfenidato abre margens para discussões acerca do acesso ao fármaco que envolve desde a carência de debates sobre o tema, até a falta de regulações claras para controlar o acesso ao fármaco e evitar formas de vendas e de compras ilegais da substância.

Os debates começam a operar como ferramentas importantes para o esclarecimento da população sobre riscos que rondam o medicamento, ou sobre a tenuidade dos critérios para diagnosticar o TDAH, ou ainda, sobre o que se tem de fato, de comprovações científicas, a respeito da capacidade desta droga efetivamente otimizar as funções cerebrais.

O TDAH é reconhecido majoritariamente em crianças, principalmente por causa do desempenho escolar. A doença não é diagnosticada por meio de exames clínicos, e sim pela observação do comportamento das pessoas, o que faz com que parte da classe médica afirme que ela não exista de fato. O remédio, no entanto, vem sendo cada vez mais usado por adultos em situações estressantes (MORENO, 2012).

Na Europa e nos Estados Unidos, o uso desses produtos está abrindo um amplo debate e já há quem defenda, no governo britânico, que haja um debate ético sobre o surgimento desses produtos e seus usos em pessoas saudáveis (CHADE, 2015).

O governo britânico começa a avaliar os usos de substâncias e remédios que possam ter algum impacto na capacidade cognitiva de cientistas e mesmo de estudantes (CHADE, 2015).

Em um campo onde são escassas as discussões sobre o tema e as regulações que auxiliem no controle do acesso ao fármaco, minam zonas cinzentas, nebulosas, nas quais proliferam usos indevidos da substância Metilfenidato.

A negociação de vendedores de remédios e estudantes de cursinhos e de universidades está se tornando cada vez mais comum (KERBER, 2015).

A tentação acaba fazendo com que as pessoas sem acesso a psiquiatras recorram ao comércio ilegal de medicamentos. De acordo com o Departamento de Polícia de Proteção à Cidadania do governo estadual paulista, neste ano, a Ritalina apareceu, pela primeira vez, entre os remédios apreendidos nas operações policiais (MORENO, 2012).

Remédios podem ser enviados pelos Correios, desde que acompanhados e nota fiscal e de receita médica. Mas nem sempre é o que acontece. 'Nós não temos estrutura suficiente para dar conta disso', afirmou Gustavo Trevisan, delegado da Polícia (KERBER, 2015).

Por fim, observam-se discussões sobre as falsas promessas trazidas pela Ritalina. Tal medicamento estaria cumprindo com os objetivos almejados por quem dele faz uso? De acordo com as matérias analisadas haveria uma falsa sensação de aproveitamento, visto que embora o usuário tenha o sono reduzido, suas capacidades cognitivas e intelectuais também seriam diminuídas:

Na opinião de médicos, no entanto, a substância não resulta em um aumento da concentração e dá uma falsa sensação de aproveitamento do tempo de estudo (MORENO, 2012).

Médicos ouvidos pelo G1 garantem que, apesar de as substâncias estimulantes

afastarem o sono, o rendimento intelectual é reduzido e a retenção de informação de quem as utiliza também fica prejudicada. ‘A pessoa fica sem sono para poder estudar mais, por mais tempo. Mas, apesar de ficar acordada, o rendimento intelectual não é o adequado’, diz o psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira [...] (MORENO, 2012).

‘Hoje tem praticamente uma febre entre os estudantes de vestibular e concurso público com essa crença de que tal substância vai melhorar a chance de ele ser aprovado no concurso. Isso não é verdade’, disse o psiquiatra Marcos Zaleski (KERBER, 2015).

Segundo o neurocientista, é equivocado chamar a Ritalina de aditivo para a cognição. ‘O que ela faz é melhorar certas partes do aspecto de processamento de memória’, diz. ‘Não foi demonstrado ainda que essas drogas aumentam a cognição e a inteligência. Nenhum burro vai se converter em um Einstein porque toma dez quilos de Ritalina toda semana’ (GARCIA, 2008).

Um dos grupos em que o uso irregular de Ritalina é mais popular é o dos ‘concurseiros’: aqueles que se preparam para conseguir uma aprovação nos concorridos concursos públicos. O juiz do Trabalho Rogério Neiva, que dá aula em curso preparatório e pesquisa sobre neurociência da educação, conta que percebe entre seus alunos ‘a ideia de que, tomando a Ritalina, vão ter a fórmula mágica do sucesso intelectual e cognitivo’. Para ele, a grande atração dos estudantes pela droga vem da esperança de que ela acelere o processo de aprendizado. ‘Os “concurseiros” estão atrás da facilidade, da dica, do esquema. É fácil, portanto, cair em qualquer discurso que se aproxime da ‘pílula do sucesso’, diz (ESTADÃO, 2012).

Observam-se, deste modo, posicionamentos distintos, de diferentes atores, em um campo controverso e embaraçado cujas argumentações apontam para uma necessidade de maior discussão e amadurecimento do campo. Observa-se, também, um movimento em que pessoas passam a recodificar seus modos de ser e

seus males em termos de funcionamento de produtos químicos do cérebro. E, apoiados na ideia de Rose (2004), pode-se argumentar que ao agirem sobre si mesmos fundamentados nessa crença, tudo, desde o guaraná à Ritalina, faz com que se sintam bem, devido à ação do Metilfenidato que libera indiretamente noradrenalina e dopamina dos terminais sinápticos, agindo no processamento seletivo de informações recebidas atuando na otimização das funções cerebrais com o aumento do rendimento nos estudos para os exames do dia-a-dia.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou discutir sobre as controvérsias presentes no uso da Ritalina por estudantes, no anseio de otimizar as funções cerebrais e, por conseguinte, melhorarem seus rendimentos em estudos. A análise foi realizada em matérias de jornais de circulação diária e de impacto nacional, buscando situar o contexto de utilização do fármaco e entender as argumentações e posicionamentos dos distintos atores presentes.

Evidenciaram-se remodelações ocorridas na medicina nos países industrializados em que a vida passou a ser compreendida e colocada em prática pela biomedicina em um nível molecular cujos aparatos técnicos altamente sofisticados permitiram intervenções e compreensões sobre um modo de vida “neuroquímico”, ultrapassando as normas de um corpo natural, maximizando os processos vitais por meio da otimização da qualidade biológica.

Deste modo, é importante destacar que o cenário apresenta relevantes controvérsias pautadas por posicionamentos díspares e que apontam a urgência de maior discussão e reflexão sobre o assunto em questão.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e à FAI - Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação que tornaram possível a realização desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BOM DIA BRASIL. Jovens usam cada vez mais estimulantes para estudar. **G1**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/10/jovens-usam-cada-vez-mais-estimulantes-para-estudar.html>>. Acesso em: Ago. 2015.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Prescrição e consumo de Metilfenidato no Brasil: identificando riscos para o monitoramento e o controle sanitário**. Boletim de farmacoepidemiologia, ano 2, nº 2, Brasília, 2012. Disponível em: <[http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/c4038b004e996487ada1af8a610f4177/boletim\\_sngpc\\_2\\_2012+corrigido2.pdf?MOD=AJPERES](http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/c4038b004e996487ada1af8a610f4177/boletim_sngpc_2_2012+corrigido2.pdf?MOD=AJPERES)>. Acesso em: Abr. 2015.

BRASIL, G. Ritalina é usada ilegalmente para 'turbinar' o cérebro. **G1**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL1201778-16022,00-ritalina+e+usada+ilegalmente+para+turbinar+o+cerebro.html>>. Acesso em: Ago. 2015.

CAMBRICOLI, F. Brasil registra aumento de 775% no consumo de Ritalina em dez anos. **Estadão**, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-aumento-de-775-no-consumo-de-Ritalina-em-dez-anos,1541952>>. Acesso em: Ago. 2015.

GARCIA, R. No Brasil, discussão sobre Ritalina é prematura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/ciencia/2008/12/476491-no-brasil-discussao-sobre-Ritalina-e-prematura.shtml?mobile>. Acesso em: Ago. 2015.

ESTADÃO. Remédio é popular entre os que prestam concursos. **Estadão**, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,remedio-e-popular-entre-os-que-prestam-concursos-imp-,974207>>. Acesso em: Agosto 2015.

GUARESCHI, N. M. F.; AZAMBUJA, M. A.; LARA, L. Biotecnologias e a (r)evolução nos modos de subjetivação. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.17, n. 1, p. 05-14, Mar. 2012.

JAMIL, C. Governo britânico avalia casos de doping intelectual. **Estadão**, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,governo-britanico-avalia-casos-de-doping-intelectual,264609>>. Acesso em: Ago. 2015.

KERBER, R. Polícia Federal está de olho nas compras irregulares de Ritalina. **G1**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/07/policia-federal-esta-de-olho-nas-compras-irregulares-de-Ritalina.html>>. Acesso em: Ago. 2015.

MORENO, A.C. Candidatos de concursos relatam uso de tarja preta para 'render mais'. **G1**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2012/07/candidatos-de-concursos-relatam-uso-de-tarja-preta-para-render-mais.html>>. Acesso em: Ago. 2015.

NEWCORN, J.H. *et al.* Alfa-2 Adrenergic Agonists. **Pediatr Clin North Am**, 45(5), 1099-22, 1998.

PASTURA, G; MATTOS, P. Efeitos colaterais do Metilfenidato. **Rev. Psiquiatr. Clín.**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 100-104, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-6083200402006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-6083200402006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 Abr. 2015.

ROSE, N. **The Politics of Life Itself: biomedicine, power and subjectivity in the twenty-first century.** Princeton: Princeton University Press, 2007.

ROSE, N. **A Política da Própria Vida: Biomedicina, Poder e Subjetividade no Século XXI.** São Paulo: Paulus Editora, 2013.

ROSE, N. Becoming Neurochemical Selves. In: STEHR, N. (ed.), **Biotechnology, Commerce and Civil Society**, Transaction Publishers, Somerset, p. 89-128, 2004. Disponível em: <<http://www2.lse.ac.uk/sociology/pdf/Rose-BecomingNeurochemicalSelves.pdf>>. Acesso em: Abr. 2015.

ROTONDARO, Tatiana. Novos projetos de cidadania biológica: a (re)construção racial dos selves neuroquímicos. **Soc. estado.**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 163-178, Abr. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922013000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 Ago. 2016.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações**

teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. Práticas discursivas como estratégias de governamentalidade: a linguagem dos riscos em documentos de domínio público. In: IÑIGUEZ, L. (org.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais.** Petrópolis: Vozes, 2005.

SPINK, P. Análise de documentos de domínio público. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

#### OBRAS CONSULTADAS

FREITAS, T.R. **O uso de argumentos sobre verdade e esperança em campos científicos controversos em estudo sobre a veiculação de pesquisas com células-tronco na mídia.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

FOCAULT, M. **Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão.** 20. ed. Florianópolis. Editora: Vozes, 1999.

FOCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade.** 1. ed.. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2005.

VIDAL JUNIOR, I. F. A ética somática e o espírito do biocapital: aproximações ao biopoder molecular contemporâneo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 20, p. 239-242, Dez. 2010.

# A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA - EDUCAÇÃO PARA O PENSAR - NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL

**Diane dos Santos Machado**

Graduanda em Pedagogia

Bolsista de Iniciação Científica da Fapemig em 2015

m.dianesantos@gmail.com

**Rita de Cassia de Campos Andery**

Professora Orientadora

ritadecassia@fai-mg.br

**Resumo:** este artigo propõe uma reflexão acerca do trabalho de Filosofia – Educação para o Pensar de Matthew Lipman – que se encontra em andamento no Projeto Piloto realizado na cidade de Santa Rita do Sapucaí-MG com turmas de 5/6 anos da Educação Infantil, 9 anos do Ensino Fundamental I e de 12/13 anos no Ensino Fundamental II. Com este trabalho, busca-se iniciar uma discussão sobre: Quais as diferenças observadas nos alunos em seus diversos níveis da educação quanto ao seu desenvolvimento reflexivo e dialógico a partir da Metodologia da Comunidade de Investigação de Matthew Lipman? Como essa Educação pode transformar nossas crianças e jovens atualmente? E, como o professor se torna peça chave no processo reflexivo/dialógico?

**Abstract:** the purpose of this paper is to propose a reflection on the work of Philosophy - Education for Thinking, by Matthew Lipman, in the pilot project ongoing in the city of Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais. This work has been done with groups of 5/6 years old child education, 9 years old of elementary school I and 12/13 years old of elementary school II. This paper seeks to start a discussion about the following questions: What are the differences observed in students at their various levels of education related to their reflective and dialogical development based on The Community of Inquiry Methodology by Matthew

Lipman? How can this education change our children and young people nowadays? Finally, how can the teacher become key part of the reflective / dialogical process?

**Palavras-chave:** Educação para o Pensar. Filosofia. Comunidade de Investigação. Reflexão. Diálogo.

**Keywords:** Education for Thinking. Philosophy. Community of Inquiry. Reflection. Dialogue.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão/diálogo acerca do Projeto Piloto, em andamento, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) da FAI - Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação, com o tema: A Importância da Filosofia Educação para o Pensar<sup>1</sup> na Educação

---

<sup>1</sup> Este termo, cunhado por Matthew Lipman (1990,1995), filósofo norte americano do século XX, mostra-nos que a “Educação para o Pensar” almeja a formação da autonomia do pensar nos alunos e acredita que o trabalho com a filosofia é um caminho para despertar a consciência e a prática do mesmo. O trabalho da “Educação Para o Pensar” caracteriza-se pelo estímulo à reflexão, desvinculando-se do ensino-aprendizagem como emprego meramente conteudista da educação.

Infantil e no Ensino Fundamental: “Desenvolvendo seres reflexivos e dialógicos”. Assim, pretendemos iniciar nossa reflexão/diálogo partindo dos seguintes questionamentos: Quais as diferenças observadas nos alunos em seus diversos níveis da educação, quanto ao seu desenvolvimento reflexivo e dialógico, a partir da Metodologia da Comunidade de Investigação<sup>2</sup> de Matthew Lipman? Como essa Educação pode transformar nossas crianças e jovens atualmente? Como o professor se torna peça chave no processo reflexivo/dialógico? Para tais questionamentos nos embasaremos em relatórios colhidos em sala de aula e em estudos dos teóricos.

---

<sup>2</sup> A metodologia empregada no programa é a da comunidade de investigação, que funciona basicamente da seguinte maneira: inicialmente, as crianças são dispostas em círculo e solicitadas a se alternarem na leitura em voz alta do episódio do romance que estiver sendo trabalhado. Finda a leitura, o professor se encarrega de registrar na lousa os assuntos escolhidos por cada aluno para serem debatidos. Em seguida, a turma seleciona os mais relevantes e tem início a discussão. Todos são estimulados a falar com liberdade o que pensam dos assuntos abordados e das opiniões dos colegas. Ao professor, cabe coordenar a discussão, atento ao desempenho argumentativo (lógico) dos alunos. Através dessa “investigação dialógica cooperativa” (LIPMAN, 1990, p. 121), as crianças vão aprendendo a distinguir um argumento bom de um ruim, a exigir dos outros e de si mesmas coerências nas argumentações e a se autocorrigir, ou seja, através da comunidade de investigação, elas aprendem a “pensar melhor”, tornando-se mais racionais. Vê-se, portanto, que o diálogo tem papel fundamental na metodologia do programa, fundada no pressuposto de que o pensamento se desenvolve paralelamente à aquisição da linguagem. Não se trata, porém, de um diálogo qualquer, um mero bate-papo descomprometido. Antes, precisa ser criterioso e logicamente disciplinado (LIPMAN, 1995, pp. 31-32, 342).

Objetivou-se conhecer, por meio da análise dos relatórios colhidos na prática em sala de aula como as crianças e jovens envolvidos nesta ação passariam a se comportar e que diferenças apresentariam a partir de então, e como essas diferenças se mostrariam relevantes.

Na atividade filosófica com crianças busca-se transformar a sala de aula em uma “comunidade de investigação”. Deste modo, entende-se que o diálogo não é apenas uma estratégia educacional, mas também, um princípio educativo pelo qual os alunos são instigados à participação. Sendo assim, há a exigência de uma nova perspectiva por parte dos professores, os quais deverão ser estimuladores da dimensão dialógica. Com a prática dialógica novas descobertas são feitas, o reconhecimento do outro, a capacidade de pensar por si. Enfim, no diálogo com as crianças e jovens há a oportunidade de problematizar acerca das situações do cotidiano.

Para fundamentar todo o trabalho realizado e analisado até o momento, paralelamente a esta investigação empírica, foi realizado um levantamento dos conceitos filosóficos em estudos bibliográficos nas obras dos autores Matthew Lipman (1990, 1995, 1997), Marie-France Daniel (2000), John Dewey (1979), Paulo Freire (2006) que embasam esta prática desenvolvida, no intuito de compreender a visão metodológica que desencadeia toda ação pedagógica no ensino da Filosofia e da “Educação para o Pensar” como preconizou Lipman (1990).

A metodologia empregada foi de natureza dialética, de cunho qualitativo, por entender que com a “Educação para o Pensar” é possível alcançar uma educação transformadora, considerando a criança e o adolescente, como seres atuantes, pensantes e agentes transformadores, capazes de filosofar. Segundo Lipman (1990) “Educação para o Pensar” caracteriza-se pelo ato de filosofar, de

espantar-se, admirar-se, questionar, refletir, analisar as coisas e a própria existência, num processo racional.

A hipótese averiguada foi de que segundo Lipman (1990), a filosofia poderá ter seu lugar assegurado entre as demais disciplinas da escola básica se os professores perceberem que ela lhes pertence. A filosofia no currículo tenderá a promover o relacionamento entre as disciplinas, reduzindo a fragmentação dos saberes e proporcionando o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, fomentando, assim, o desenvolvimento de crianças e jovens tornando-os reflexivos e dialógicos.

Almeja-se por meio da “Educação para o Pensar” e da reflexão filosófica alcançar uma educação transformadora e crítica, que considera a criança como ser atuante, pensante e agente transformador, capaz de um “Pensamento de Ordem Superior”. O termo “Pensamento de Ordem Superior” de Lipman sofreu, a partir de 2003, uma reformulação em sua nomenclatura, para Pensamento Multidimensional, citado em seu livro *Thinking in Education*, sem tradução para o Português.

Para Lipman (1995) ter um pensamento multidimensional significa demandar um conjunto de esforços intencionais, que incentivam crianças e jovens a exercerem um pensamento reflexivo, rigoroso, crítico, profundo, criativo, cuidadoso, contextualizado e autocorretivo. Este pensamento de excelência, chamado pelo autor de pensamento multidimensional é conceitualmente rico, coerentemente organizado e persistentemente investigativo, pois reflete um pensar organizado, sistemático, estruturado por fundamentos sólidos, que quando praticado é passível de mudanças, correções e complementaridade, fruto de relações e interpelações acerca de conhecimentos já criados e pré-estabelecidos, gerando novos

conhecimentos e novas produções de saberes. Para isso os educandos/educadores precisam estabelecer uma relação de troca e de observância dos mecanismos processuais que geram os pensamentos. Falar da educação reflexiva é considerar uma construção histórica, cultural, de formação de identidade, presente em toda nossa vida, o que instiga questionar se esta condição auxilia ou não o aluno a ver o mundo e as pessoas com mais clareza, compreensão, como também, situar-se, agir e socializar-se com ele.

## **2 CONHECENDO LIPMAN E A FILOSOFIA PARA CRIANÇAS – EDUCAÇÃO PARA O PENSAR**

Matthew Lipman foi o filósofo norte americano responsável pela criação do programa de filosofia para crianças. Na década de 1960, lecionou filosofia na Universidade de Columbia onde se deparou com estudantes que se manifestaram após uma inquietação política, mas muitos deles não entendiam o porquê de estarem nas ruas, não possuíam um objetivo concreto, estabelecido, não possuíam um aparato lógico. Lipman então, como professor de lógica, se propôs a testar um ensino que visasse o raciocínio lógico de modo que a criticidade desses alunos fosse trabalhada e desenvolvida desde cedo. Com a cooperação de Anne Sharp foi criado o IAPC- Instituto para o avanço da Filosofia para Crianças que tinha por objetivo desenvolver nas crianças e nos jovens a criticidade, o ato de pensar reflexivamente, que conforme Lipman (1995) é entender o raciocínio, o método do pensamento, de modo a realizá-lo visando o melhor resultado. Como o ato de pensar é um meio de associar ideias ou conhecimentos que irão produzir significados e sentidos, faz-se necessária a criticidade no processo do pensamento, e isso se faz a partir da reflexão, da análise

minuciosa usando critérios e se deslocando do senso comum, que não se trata de um conhecimento inferior, e sim de um conhecimento fragmentário, de herança e por isso não questionado.

Quanto ao filosofar, Lipman (1995) vem nos mostrar que as crianças podem e devem filosofar, pensar filosoficamente, pois ela está à procura de significados, de respostas e questionamentos e, é algo que realizam espontaneamente, desde a mais tenra idade, e sabemos que Lipman nunca teve a intenção de formar filósofos, mas sim ensinar a criança a filosofar.

### **3 A VISÃO DE LIPMAN EM LEV VYGOTSKY E PAULO FREIRE**

Segundo Souza (1997), Vygotsky expõe que o pensamento opera a linguagem, já que primeiro se desenvolve o pensamento, sem que seja necessário falar, ou seja, basta apenas observação. A fala é o modo de externar o que se pensa, pois para se falar é necessário organizar o pensamento. Assim sendo, o bem pensar leva ao bem falar.

Esses aspectos não vêm, para Vygotsky, de uma única referência, pois para ele, por volta dos dois anos até aproximadamente os sete anos, a criança apresenta duas funções: a interna, que orienta o pensamento; e a externa que comunica o pensamento a outros; e o mais importante, que a fala pode propiciar o contato social. A linguagem, conforme o autor, leva a transformação, que por sua vez produz a aprendizagem.

Lipman, ao propor a Comunidade de Investigação deixa clara a influência de Vygotsky e busca aprimorar o pensamento da criança, torná-la autônoma, produtora de suas próprias ideias e, assim, compartilhá-las com os demais integrantes da comunidade, mostrando-nos que a aprendizagem é uma via de mão dupla, refere-se ao aluno e ao professor, uma vez que ambos possuem o mesmo papel dentro

da Comunidade de Investigação. O professor deve estimular seu aluno na busca e no encontro do conhecimento, porém, ambos devem participar das discussões propostas dentro da comunidade. O professor deve agir e não apenas esperar que seus alunos respondam as questões levantadas. Ele deve provocar mudança.

Indo ao encontro de Vygotsky e por sua vez compactuando com os pensamentos de Lipman, Freire (2006) propõe o que ele chama de "Pensar Bem", que é um pensamento "rigoroso", autônomo, que tem criticidade, que não se conforma ao senso comum, é um pensamento elaborado, onde se busca aperfeiçoamento, exige respeito, ética, reflexão, comprometimento, que pouco se diferencia do que Lipman chama de "Pensamento Multidimensional". Dessa forma, Vygotsky e Freire reforçam o trabalho proposto por Lipman.

### **4 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO REFLEXIVO E DIALÓGICO**

Não menos importante é relatar também aspectos que se relacionem ao professor, uma vez que ele é o instrutor, mediador, um agente facilitador para o ensino e a aprendizagem dos alunos. Lipman (1995) direciona-se aos professores regentes das escolas dizendo que suas experiências devem ser significativas e devem contribuir para o crescimento dos alunos interna e externamente, para assim, seja possível chamá-los de educadores. O autor desconsidera que o diploma do professor comprove que ele está preparado para lecionar, pois antes é necessário que haja ética por parte do docente, uma vez que ele serve de referência e influência para seu aluno.

A educação neste sentido não se relaciona ao poder, mas sim ao respeito. É necessário que o professor ouça as



opiniões dos seus alunos, não interfira na construção do pensamento e nos posicionamentos deles, para que com o diálogo ele possa direcioná-los para o aprimoramento do pensar, deixando o aluno crescer, sem abandoná-lo, caminhando com ele.

## **5 O PROJETO PILOTO EM AÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE SANTA RITA DO SAPUCAÍ – MG**

O instrumento escolhido nesta pesquisa para investigar a realidade apontada foram os relatórios de observação. Objetivou-se conhecer, por meio da análise dos relatórios colhidos na prática, em sala de aula, como as crianças e os jovens envolvidos passariam a se comportar e que diferenças apresentariam a partir de então e como essas diferenças se mostrariam relevantes.

Os relatórios colhidos em sala de aula foram elaborados de acordo com as falas das crianças e questionamentos feitos pelos professores ou levantados por elas, conforme sua curiosidade. Traremos aqui a amostragem dos diálogos das crianças de 5 a 6 anos das turmas de Educação Infantil, das crianças de 9 anos do Ensino Fundamental I, dos jovens de 12 a 13 anos do Ensino Fundamental II.

Para organização dos dados recolhidos, sua categorização e análise, as questões observadas dentro da Comunidade de Investigação procedeu-se à leitura de todas as respostas dadas pelos alunos e a seleção daqueles aspectos que mais se evidenciaram nos diálogos, quer pela recorrência, quer pela relevância ante à questão. Os professores foram identificados como P1, P2, P3 e P4 e os alunos como A1,2,3 ...17; B1, 2, 3...17; C1,2,3...17 para o sigilo das identidades da pesquisa.

## **6 AMOSTRAGEM DE 5 A 6 ANOS DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

A primeira aula foi instigante, pois, a partir da dinâmica com o barbante aplicada para a instauração da Comunidade de Investigação, que tinha como objetivo mostrar a ligação entre os seus componentes, pudemos presenciar o seguinte caminho tomado pelas crianças.

- 1) P1: “Como é a nossa energia? É igual à do poste?”  
A10: “O fio faz tudo ficar ligado”.  
A13: “Eu tenho muita energia para brincar. Tem a energia do nosso corpo, dos animais, do poste, a gente se diverte muito, eu penso que no nosso fio (barbante) está passando a nossa energia”.
- 2) P1: “Qual a energia que a A13 falou?”  
A2: “A dos animais e das pessoas”.
- 3) P1: “Você concorda com o que a A13 falou?”  
A2: “Sim, porque ela é minha amiga”.  
A3: “A A13 gosta de brincar com o pai dela”.
- 4) P1: “Qual a energia que a A13 falou?”  
A3: “A A13 disse que a energia vem do sol”.
- 5) P1: “A gente distribui a energia boa para outras pessoas?”  
A2: “A gente gasta energia brincando, trabalhando, então precisamos comer e dormir para o corpo fabricar energia”.  
A11: “Às vezes eu imagino, eu penso”.
- 6) P1: “Nós não estamos mais ligados pelo barbante, porque continuamos sendo um grupo?”  
A8: “Sim, a gente ainda é um grupo”.  
A13: “Porque a gente ainda “tá” pertinho e ainda “tá” em grupo, em roda”.

Ao final da aula ocorreu um fechamento por meio das falas dos alunos, para retomada posterior. A Comunidade de investigação é trabalhada em cima de regras para que todos os alunos possam ter sua vez de falar, para que possam contrapor-se às ideias, pressupor, inferir, autocorrigir, exemplificar, contra exemplificar, criticar, comparar, estabelecer relações, parafrasear, demonstrar, questionar, etc., de modo a não desrespeitar a opinião alheia, mas construir novos conceitos e ideias. Observamos, na prática com as crianças, que elas são capazes de realizar todas as habilidades mencionadas, pois tais práticas são trabalhadas a todo o momento dentro da Comunidade de investigação.

### **7 AMOSTRAGEM DE 9 ANOS DO 3º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

O trabalho com as crianças de 9 anos foi iniciado com aulas de Filosofia - Educação para o Pensar, tratando do tema filosófico Amizade.

- 1) P1: “Qual palavra você usa para explicar o que é amizade? Por quê?”  
B1: “Fiel - Ser fiel ao outro, não mentir, dar o bem para não receber o mal”.  
B2: “Perdão - Porque quando a gente briga com uma pessoa ou quando ela briga com a gente, a gente precisa perdoá-la. Tem que ser amigo de todos e respeitar”.  
B3: “Respeito - Se a gente tiver um amigo que, às vezes, não consegue enxergar, a gente tem que respeitar as diferenças”.  
B6: “Estar junto – Porque a gente faz várias coisas com o amigo”.  
B7: “Compartilhamento – Porque quando a gente está sozinho e alguém chama a gente pra se divertir, aí você estende a mão para alguém para se divertir”.

Com essa turma, em especial, notou-se a preocupação em se mostrar pensante, quando usualmente utilizamos o termo “eu acho”, várias delas se preocupavam em usar “eu penso”, e pediam um tempo dizendo que estavam pensando, que gostariam de realizar suas colocações posteriormente. Pode-se observar que os pensamentos desses alunos estão mais elaborados. Notam-se as interferências realizadas por eles para ajudar um colega a aprimorar seu pensamento. Eles fazem inferências, estabelecem critérios, preocupam-se em ser claros ao entendimento do outro.

### **8 AMOSTRAGEM DE 12 A 13 ANOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Os alunos de 12/13 anos foram apresentados ao jogo da trilha, formaram-se duplas para jogar. Cada dupla joga o dado, retira uma frase do envelope e juntos discutem e tentam explicar a turma o que ela quer dizer.

- 1) P1: “Quem é um sábio?”  
C1: “Uma pessoa experta”.  
C2: “Boa nas palavras”.  
C3: “Boa pra falar”.  
C4: “Quem tem mais lembranças”.  
C5: “A professora passa uma matéria no quadro e, depois de um tempo, a pessoa consegue falar sobre aquilo sem olhar a matéria”.
- 2) P1: “O que é ser sábio?”  
C2: “Está ligado às atitudes, é um conjunto”.  
C6: Antes de falar alguma coisa, tem que pensar para não ofender aos outros.  
C5: Você tem que pensar para fazer a prova e não consegue, aí pede para outra pessoa te ajudar.  
C2: A pessoa não sabe ler, aí ela sempre vai ser servo.

Observou-se nas falas finais deste relatório tratando-se dos alunos do 7º ano que a partir das dinâmicas e questionamentos feitos a eles, perceberam que seria necessário elaborar melhor o pensamento acerca do tema proposto.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de começar a responder parte de nossas reflexões e questionamentos entendemos que as diferenças observadas nos alunos nos diversos níveis da educação, no que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento reflexivo e dialógico, a partir da Metodologia da Comunidade de Investigação de Matthew Lipman vêm sendo satisfatórias, lembrando que este processo é um processo que demanda tempo para se ter uma análise mais profunda. No que tange à transformação dos alunos pudemos notar que o trabalho do pensamento reflexivo começa a aparecer nas inferências e questionamentos colocados pelos alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II.

Muraro (2013) nos traz umas das célebres frases de Lipman “O que os filósofos e as crianças têm em comum é a capacidade de se maravilhar com o mundo” e tal frase se torna afirmativa para a análise que faremos sobre a parcial de dados apresentados pelos relatórios, quando compararmos as três turmas acompanhadas durante o projeto piloto no ano de 2015.

Apesar de tratarem de temas diferentes, para as três turmas foram usados os métodos da Comunidade de Investigação de Lipman. A abordagem dos temas foi feita seguindo o que o autor já propunha quando se tratando em ouvir o que seu aluno tem a dizer, em dar vez e voz a eles, sendo que eles são agentes da própria construção de conhecimento não deixando de lado a responsabilidade do professor, já citada neste artigo.

O programa de Lipman tem como um de seus objetivos levar a criança a ter um pensamento multidimensional que, segundo Daniel (2000) leva ao bem ouvir, ao bem falar, ao estudar de maneira produtiva, a aprender e a se expressar; entendendo, assim, que a ciência capaz de fazer com que a criança chegue a tais habilidades é a Filosofia. A filosofia vem orientar para que se chegue ao pensamento multidimensional, que é formado pelo pensamento crítico, criador, reflexivo e cuidadoso.

Segundo Andery (2015) nos pensamentos Lipmanianos vemos que: O que importa é pensar exatamente na filosofia como condição de reflexão e ação, e que nessa pesquisa se propõe a construção de uma “Educação para o Pensar”. Ler, ouvir, falar, raciocinar, escrever são os exercícios de aprendizagem em sala de aula, ou seja, exercícios acadêmicos, mas devemos nos preocupar também com o cultivo do pensamento. Nessa concepção de pensamento é que a filosofia entra na didática pedagógica do educar, não sendo considerada com uma disciplina a mais na grade curricular, mas a integração da aprendizagem e do ensino de todas as outras disciplinas tornando-se um norte necessário para os alunos dentro da escola e fora dela, ou seja, no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ANDERY, R. C. C. **Filosofia na Escola: Uma Contribuição Necessária para um Espaço Reflexivo e Democrático**. 2015. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Univás – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2015.
- DANIEL, M. **A Filosofia e as Crianças**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- DEWEY, J. **Como Pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o**

processo educativo: uma reexposição. São Paulo: Nacional, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LIPMAN, M. **A Filosofia Vai à Escola.** São Paulo: Summus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Natasha:** Diálogos Vygotskyanos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SOUZA, S. J. **Infância e Linguagem:** Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

# ESTUDO SOBRE A GESTÃO DA DIVERSIDADE NAS EMPRESAS DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL ELETROELETRÔNICO DE SANTA RITA DO SAPUCAÍ - MG

**Lidia Maria de Faria e Cunha**

Graduanda em Administração

Bolsista de Iniciação Científica da Fapemig em 2015

lidiamfaria.cunha@gmail.com

**Cláudia Marinho Ribeiro**

Professora Orientadora

claudiamarinho@fai-mg.br

**Resumo:** é sabido do caráter multicultural do Brasil e, assim como em outros países colonizados, a discussão sobre a diversidade vem se tornando cada vez mais eminente, o que é comprovado pela busca de ações afirmativas nesses países. Com elas, espera-se diminuir a desigualdade social, econômica e educacional gerada ao longo de centenas de anos em relação às populações consideradas minorias no país. Este trabalho tem como objetivo principal mostrar o levantamento realizado sobre o nível de conhecimento dos gestores das empresas do APL Eletroeletrônico de Santa Rita do Sapucaí - MG sobre gestão da diversidade e quais ações as empresas têm realizado a respeito do tema. Como objetivos secundários, o trabalho aborda minorias que são mais destacadas e que recebem mais ações e também como o preconceito aparece nos subsistemas de Recursos Humanos. A partir dos resultados alcançados pela pesquisa, espera-se apontar a realidade do APL Eletroeletrônico de Santa Rita do Sapucaí e fomentar a discussão e possíveis ações de gestão da diversidade.

**Abstract:** It is known the multicultural character of Brazil and, as in others colonized countries, the discussion on diversity has becoming increasingly prominent, which is proven by the search for affirmative action in those countries. With them, it is expected to reduce social,

economic and educational inequality generated over hundreds of years in relation to the considered minorities' population in the country. This paper has as its main purpose to show the conducted survey on the level of company's managers knowledge of APL eletroeletronics of Santa Rita do Sapucaí - MG on diversity management and witch actions this companies have done on the subject. As a secondary purpose, the work deals with the minorities that are most prominent and that receive more actions as well as how the prejudice appears in Human Resources subsystems. From the results achieved in this research, it is expected point out the reality of APL Electrical and Electronic of Santa Rita do Sapucaí - MG and encourage discussion and possible actions of diversity management.

**Palavras-chave:** Gestão. Diversidade. Empresa. Inclusão.

**Keywords:** Management. Diversity. Company. Inclusion.

## 1 INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas desde a virada do Século XX impõem às empresas novos desafios. Nos últimos anos, o compromisso das empresas com a sociedade passou a ser uma exigência, um requisito para o sucesso. Uma das

mudanças ocorridas foi o perfil do trabalhador nas empresas, que foi se alterando com o passar do tempo, devido a diversos fatores, como a luta pela igualdade das mulheres, a trajetória contra o preconceito contra gays e negros, a globalização, entre outros. São pessoas com gênero, idade, religião, etnia e orientação sexual diversos que compõem o ambiente de diversidade empresarial. Esta diversidade deve ser gerenciada de forma correta nas organizações, o que além de proporcionar qualidade de vida aos trabalhadores, acaba por tornar uma vantagem competitiva, visto que a empresa possuirá um ambiente com membros de experiência e habilidades distintas. Ao estimular a diversidade e atuando contra a discriminação, a empresa fortalece o respeito entre as pessoas, o reconhecimento de suas particularidades e estimula a cooperação e criatividade.

O Instituto Ethos (2000), define diversidade como sendo o resultado da busca de oportunidades iguais e de respeito à dignidade de todas as pessoas. Assim, a diversidade representa um princípio básico de cidadania, que visa assegurar a cada um, condições de pleno desenvolvimento de seus talentos e potencialidades. Também representa tornar efetivo o direito à diferença, dando condições na qual as pessoas possam agir de acordo com seus valores individuais.

Embora seja um tema relevante, muitas empresas ainda não praticam a gestão da diversidade, a menos que sejam obrigadas pelas ações afirmativas que, no caso do Brasil, são voltadas para pessoas com deficiência.

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer o nível de conhecimento dos gestores sobre a gestão da diversidade e as ações relacionadas ao tema. A amostra foi composta por empresas associadas ao Sindvel – Sindicato das Indústrias de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares localizado em Santa Rita do

Sapucaí – MG. Trata-se de uma pesquisa de campo do tipo exploratória, realizada por meio de coleta de dados por questionário eletrônico.

## 2 DIVERSIDADE E A SUA GESTÃO

Diversidade pode se referir ao mesmo tempo às diferenças de raça, etnia, religião, gênero, idade, opção sexual e também às diferenças individuais que existem de pessoa para pessoa, considerando que cada uma tem suas características, que são singulares.

O conceito de diversidade inclui todos, não é algo que seja definido apenas por raça ou gênero. É um conceito que engloba a idade, história pessoal e corporativa, formação educacional, função e personalidade. Inclui, também, estilo de vida, preferência sexual, origem geográfica, tempo de serviço na organização, status de privilégio ou de não-privilégio e administração e não-administração (THOMAS JUNIOR, 1991, p. 10).

Dessa forma, diversidade refere-se a características variáveis de indivíduos e também de grupos. As organizações, como são um reflexo da sociedade, possuem representantes de todos os tipos, sejam elas individuais ou coletivas. No espaço corporativo, espera-se que todas as diferenças se unam em prol de um objetivo maior, definido pela empresa em termos de visão e missão.

Já o termo gestão é o ato ou efeito de gerir, administrar um recurso e as pessoas podem ser incluídas como um recurso que a empresa possui, salvas todas as suas peculiaridades. Segundo Chiavenato (2010), a Gestão de Pessoas é o conjunto de políticas e práticas necessárias para conduzir os aspectos da posição gerencial relacionados com as pessoas ou recursos humanos, incluindo recrutamento, seleção, treinamento, recompensas e avaliação de desempenho. Considerando que todos os recursos das

organizações são administrados por pessoas e os empregados têm um papel fundamental para a empresa, pois são eles que contribuem com suas habilidades, capacidades, com os seus conhecimentos, contribuindo nas decisões e dinamizando a organização. A gestão da diversidade vem com a proposta de ser uma prática gerencial, na qual a empresa dará acesso igualitário ao trabalho, tanto no recrutamento e seleção, quanto nas promoções enquanto funcionário, e, além disso, valorizar as diferenças para que elas sejam utilizadas de forma a agregar valor à empresa, tornando uma vantagem competitiva. O que faz com que a empresa exerça a responsabilidade social, colaborando para a transformação da sociedade, dentro daquilo que está no seu alcance e ainda obtenha vantagens econômicas em relação àquelas que não o fazem.

Segundo Alves e Silva (2002), um bom gerenciamento da diversidade de pessoas nas organizações conduziria à criação de vantagem competitiva, o que, em tese, elevaria o desempenho da organização no mercado, tendo em vista a influência positiva de um ambiente interno multicultural, com membros de distintas experiências e habilidades.

Considerando a relação da empresa com seu cliente e as estratégias para chegar até ele, também se pode inferir que o entendimento e a valorização das diferenças seriam um diferencial para ganho de mercado, pois os clientes também fazem parte de minorias e grupos diversos e se sentiriam melhor atendidos em suas necessidades. Segundo Hooley *et al* (2010), além de ser um alvo para produtos especializados, as minorias étnicas estão, cada vez mais, expressando com voz ativa o que querem no *marketing* e na propaganda convencional.

Uma pesquisa realizada em sites especializados em venda de livros sobre o tema da Diversidade nas Empresas

mostrou poucas obras relacionadas ao assunto na Língua Portuguesa. Estudos que abordam o tema diversidade, internacionalmente, começaram há quatro décadas. Segundo Santos *et al* (2008), os estudos, no Brasil, iniciaram-se em meados de 1990, motivados pelas ações das empresas, em sua maioria, multinacionais americanas, que introduziram a gestão da diversidade por imposição da matriz. As empresas brasileiras vêm, desde então, preocupando-se com a política de gestão da diversidade, não somente visando cumprir a legislação vigente, mas para gerar valor ao negócio.

Para que houvesse a inclusão de minorias, a partir de 1991, algumas leis foram introduzidas no Brasil, como a inclusão de pessoas com deficiência nas empresas privadas e administração pública, e o sistema de cotas raciais em universidades.

### 3 A PESQUISA

Das 91 empresas do Arranjo Produtivo Local (APL) de Santa Rita do Sapucaí – MG, associadas ao Sindvel, foram contatadas 20 empresas. O primeiro contato foi realizado com o responsável pelo departamento de RH das empresas, explicando os objetivos da pesquisa e solicitando o e-mail para contato no caso de resposta afirmativa. Quando solicitado, para algumas empresas foi enviada uma carta timbrada para reafirmar os compromissos da pesquisa. Das empresas contatadas, 11 responderam ao questionário, enviado por e-mail após o retorno positivo dos responsáveis do departamento de RH.

O instrumento de coleta de dados era composto por vinte e duas questões de múltipla escolha e uma questão aberta para sugestões e críticas.

Ao longo da pesquisa foram realizados contatos com as empresas para acompanhamento da conclusão das

respostas, já que não havia possibilidade de identificação dos respondentes.

Após o prazo para as respostas, iniciou-se a tabulação dos resultados, que foram apresentados no Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da FAI, em Fevereiro de 2016.

A última etapa da pesquisa foi a elaboração e envio de um relatório, conforme combinado com as empresas participantes.

#### 4 RESULTADOS

Das empresas participantes, 6 empresas (55%) tinham de 20 a 99 colaboradores, 4 empresas (36%) de 100 a 500 colaboradores e 1 (9%) contava com mais de 500 colaboradores. Os responsáveis pelas respostas do questionário ocupavam os cargos de Assistentes, Analistas, Gerentes e Supervisores da área de Recursos Humanos, dependendo do porte da empresa. O Gráfico 1 mostra a quantidade de funcionários das empresas pesquisadas.

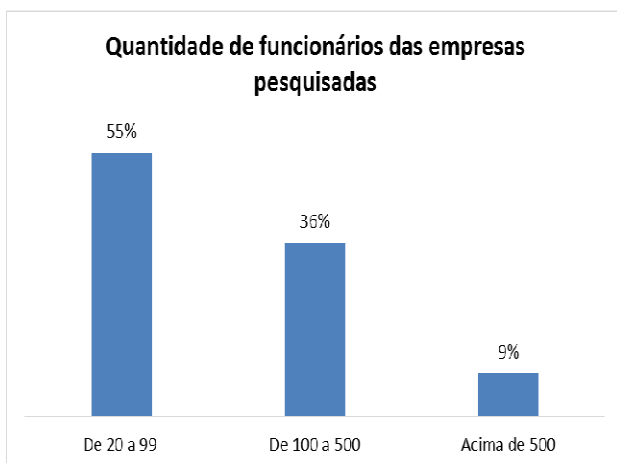


GRÁFICO 1 – Quantidade de funcionários das empresas pesquisadas

Sobre a frequência que ouvem falar sobre Gestão da Diversidade, 18% responderam que raramente escutam a respeito do tema, 46% que às vezes e 36% afirmaram que sempre ouvem, indicando que o tema ainda pode melhorar seu

alcançe entre profissionais de RH. Os resultados são mostrados no Gráfico 2.

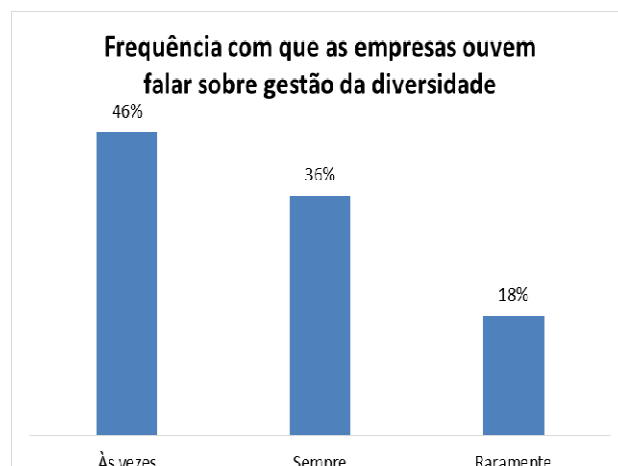


GRÁFICO 2 - Frequência com que as empresas ouvem falar sobre gestão da diversidade

Conforme mostra o Gráfico 3, do total, 55% dos respondentes sempre ouvem falar sobre o tema inclusão de minorias no ambiente de trabalho, 27% às vezes e 18% raramente escutam sobre o tema.

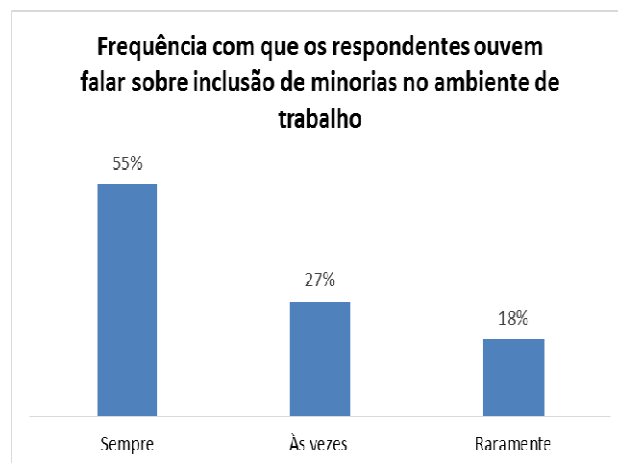


GRÁFICO 3 - Frequência com que os respondentes ouvem falar sobre inclusão de minorias no ambiente de trabalho

#### 4.1 Questão de Gênero: Mulheres

Com relação ao número de mulheres no quadro de funcionários, houve uma dificuldade em analisar em números percentuais, pois foram utilizadas categorias de respostas. Ainda assim,



pode-se observar um número pequeno de mulheres em cargo de chefia, conforme o Quadro 1.

Quantidade de empresas	Número de colaboradores efetivos da empresa	Número aproximado de mulheres no quadro de colaboradores	Quantidade de mulheres em cargo de chefia
2	De 20 a 99	Menos que 25	De 1 a 3
1	De 20 a 99	De 25 a 49	De 1 a 3
2	De 20 a 99	De 25 a 49	De 4 a 6
1	De 20 a 99	De 25 a 49	Acima de 6
1	De 100 a 500	De 50 a 100	De 1 a 3
3	De 100 a 500	De 50 a 100	De 4 a 6
1	Acima de 500	Acima de 100	De 4 a 6

QUADRO 1 - Porte das empresas e número de mulheres no quadro de colaboradores e em cargos de chefia

Com relação às mulheres, 36% não ouviram falar ou não conhecem mulheres que sofreram discriminação no ambiente de trabalho, 36% já ouviram falar algumas vezes e 28% das empresas sabem que muitas vezes mulheres passaram por esta situação. O Gráfico 3 mostra tal situação.

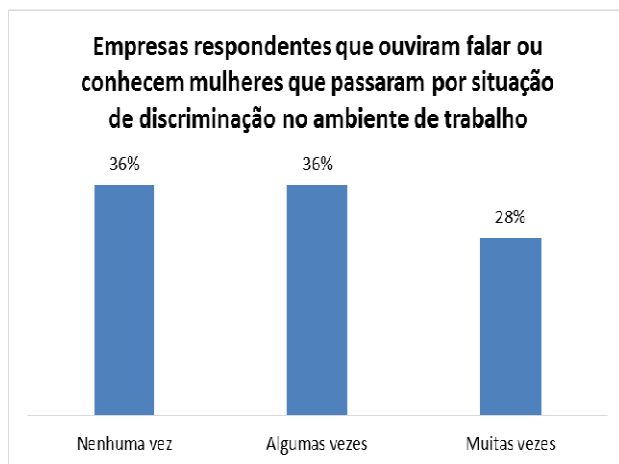


GRÁFICO 4 – Conhecimento sobre discriminação de gênero no ambiente de trabalho

#### 4.2 Pessoas com Deficiência

Das 11 empresas, oito apresentavam em seu quadro menos de cinco pessoas com deficiência, o que corresponde a 73% das respondentes, 18% apresentavam de cinco a dez colaboradores

deficientes e apenas uma empresa desconhecia esta informação, 9%. E 27% afirmaram que para que a cota para deficiente seja cumprida ainda faltam muitas contratações, porém, a maioria – 73% – cumpre totalmente a cota. No cargo de chefia, 91% das empresas afirmaram não ter nenhum deficiente ocupando este posto, apenas 9% empregam de 1 a 3 deficientes em cargos de chefia.

Ao se referir à discriminação de pessoas com deficiência que passaram por situação de discriminação no ambiente de trabalho, 36% não ouviram falar e nem conhecem alguém que tenha passado por isso, 46% já ouviram falar algumas vezes, e 18% muitas vezes, conforme mostra o Gráfico 5.

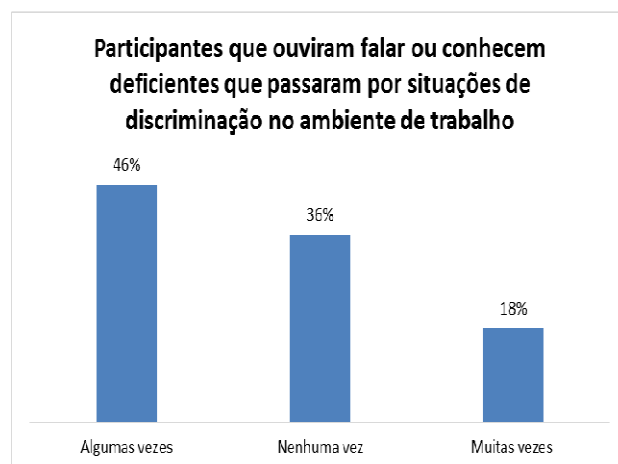


GRÁFICO 5 – Empresas que ouviram falar ou conhecem deficientes que passaram por situações de discriminação no ambiente de trabalho

#### 4.3 Questão Racial: Negros e Pardos

Ao abordar sobre negros e pardos, 64% das empresas empregam menos que 25 colaboradores negros e pardos, 27% de vinte e cinco a cinquenta e apenas 9% empregam acima de 50 pessoas com estas características. Ao considerar negros em cargos de chefia, 100% das empresas afirmaram não ter nenhum colaborador; 64% responderam que não empregavam nenhum pardo em cargo de chefia; 18% afirmaram que havia um pardo ocupando

cargo de gestão, 9% empregavam de 4 a 6 pardos e 9% não souberam responder. O Quadro 2 e o Gráfico 6 resumem os números estudados.

Quantidade de empresas	Número de colaboradores efetivos da empresa	Número aproximado de negros e pardos no quadro de colaboradores	Quantidade de negros em cargo de chefia	Quantidade de pardos em cargo de chefia
4	De 20 a 99	Menos que 25	Nenhum	Nenhum
1	De 20 a 99	Menos que 25	Nenhum	1
1	De 20 a 99	De 25 a 50	Nenhum	De 4 a 6
2	De 100 a 500	Menos que 25	Nenhum	Nenhum
1	De 100 a 500	De 25 a 50	Nenhum	1
1	De 100 a 500	De 25 a 50	Nenhum	Nenhum
1	Acima de 500	Acima de 50	Nenhum	Não sei.

QUADRO 2 - Porte das empresas e número de negros e pardos nos cargos de chefia

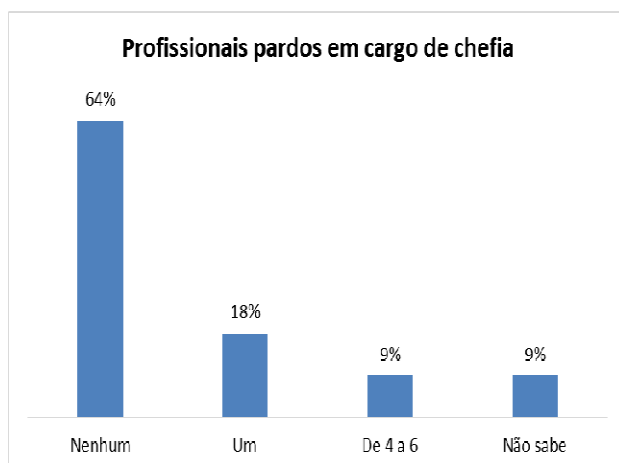


GRÁFICO 6 - Empresas com pardos em cargo de chefia

Dos respondentes, 27% não ouviram falar nenhuma vez ou conheceram negros que passaram por situação de discriminação racial no ambiente de trabalho, 46% já ouviram algumas vezes e 27% já ouviram muitas vezes falar de negros que sofreram discriminação nas empresas. O Gráfico 7 mostra esses resultados.

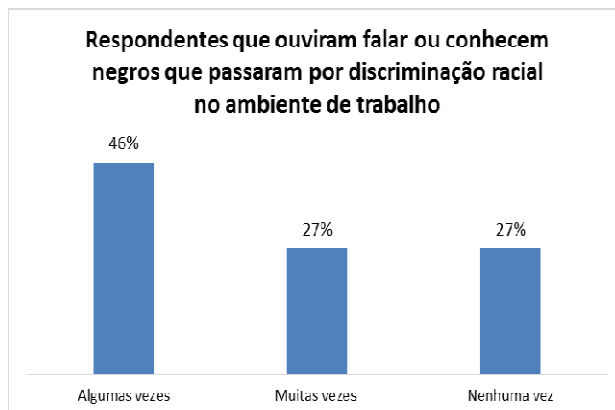


GRÁFICO 7 – Empresas que ouviram falar ou conhecem negros que passaram por discriminação racial no ambiente de trabalho

#### 4.4 Questão Religiosa

Com relação à religião apenas uma empresa respondeu que desconhece a religião dos colaboradores e a maioria afirmou que existem colaboradores de diversas religiões e a convivência entre todos é harmoniosa, independente da religião. Somente uma empresa percebe o predomínio de apenas uma religião.

#### 4.5 Orientação Sexual

Ao analisar homossexuais no cargo de chefia, a exemplo de profissionais negros, todas as empresas participantes afirmaram não ter nenhum assumindo cargo de chefia. Neste caso, deve-se considerar também que muitos profissionais não se revelam como homossexuais por questões culturais e receio de represália.

#### 4.6 Programas de Gestão da Diversidade

Das 11 empresas participantes, quatro ainda não pensaram na criação de um programa específico para gestão da diversidade, apenas uma tem um programa que inclui a integração das minorias à cultura organizacional e elas são vistas como vantagem competitiva. Outras 5 têm programa voltado para recrutamento e

seleção de pessoal, mas a integração ocorre naturalmente e uma empresa está em fase de planejamento. Tal resultado indica grande oportunidade para as empresas, sobretudo os profissionais de RH estruturarem os programas em suas empresas. Por outro lado, acredita-se que o resultado esteja diretamente atrelado aos 64% de respondentes que ouviram falar com pouca ou rara frequência na gestão da diversidade. O Gráfico 8 mostra esses resultados.



GRÁFICO 8 – Empresas que possuem programa específico para gestão da diversidade

Referindo-se a intenção de promover alguma ação voltada para gestão da diversidade, 55 % não têm intenção e 45% têm intenção para os próximos três anos.

### 3 CONCLUSÃO

Nota-se que a maioria das empresas pesquisadas já ouviu falar sobre o tema inclusão de minorias no ambiente de trabalho e também sobre gestão da diversidade, ainda que a frequência do segundo seja menor. Porém, apesar de já possuírem alguma informação acerca desse tema, apenas uma empresa tem programa de inclusão de minorias, visto como uma vantagem competitiva. O que quase metade das participantes apresentam são programas voltados para recrutamento

e seleção pessoal, a integração ocorre naturalmente, sem um programa específico.

A maioria das empresas cumpre totalmente a cota para deficientes, porém para algumas empresas cumprirem a lei ainda faltam muitas contratações e para essas é necessário que seja cumprida a lei, para que além de realizar a inclusão não incorram multas.

Todas as empresas pesquisadas afirmaram não possuírem negros em cargo de chefia e a maioria afirmou não empregar nenhum pardo neste mesmo cargo. Isso pode indicar que o abismo existente entre negros e brancos em relação a cargos de chefia continua enorme, conforme a literatura indica. Há também ausência de homossexuais em cargos de chefia, o que é um fator a ser refletido.

Observa-se, de mesmo modo, que a religião dos funcionários já é bastante diversa e não é um fator para desarmonia, pelo contrário, convivem bem independentes das suas crenças. Tal tolerância poderia ser explicada pelo caráter multivariado das crenças brasileiras, com a presença de sincretismo religioso em várias regiões do país, somado à expansão das inúmeras novas igrejas.

Pode-se afirmar que a maioria conhece pessoas que passaram por discriminação no ambiente de trabalho, seja por raça, sexo ou deficiência. Tais percepções merecem uma atenção especial, pois apesar de não haver comprovações e provas de discriminação, sabe-se que ela existe e os profissionais estão cientes sobre o assunto.

Espera-se que, com este estudo as empresas sejam estimuladas a observar, com mais atenção, os possíveis desequilíbrios na composição dos seus funcionários, em todos os níveis hierárquicos, no que se refere a sexo, cor ou raça e pessoas com deficiência, fazendo com que reflitam sobre as ações que

possam realizar a fim de promover a diversidade e que estas ações tragam benefícios econômicos à empresa. Para isso é preciso estabelecer políticas e ações com metas objetivas e prazo determinado.

Os recursos tecnológicos têm a tendência de estarem cada vez mais disponíveis, assim sendo a vantagem competitiva de uma empresa será determinada, em grande parte, pela qualidade da relação com as pessoas, tanto interna, como externamente, relacionada à inclusão de diferentes grupos sociais. Cada vez mais, o cenário econômico demanda não apenas por produtividade, mas também, pela atuação relacionada ao caráter ético e legal.

#### **AGRADECIMENTOS**

As pesquisadoras agradecem a todas as empresas participantes deste estudo. Certamente, este foi um primeiro passo para se estudar questões tão relevantes socialmente e também para as práticas de gestão.

Os agradecimentos se estendem também à FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação e à Fapemig, agência de fomento desta pesquisa e incentivadora de trabalhos científicos.

#### **REFERÊNCIAS**

ALVES, Mario Aquino; SILVA, L. G. Galeão. **A crítica da gestão da diversidade nas organizações.** FGV/EAESP, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v44n3/v44n3a03.pdf>>. Acesso em: 19 Out. 2015.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

INSTITUTO ETHOS. **Como as empresas podem (e devem) valorizar a diversidade.** São Paulo, 2000.

HOOLEY, Graham *et al.* **Estratégia de Marketing e Posicionamento Competitivo.** São Paulo, 2011.

SANTOS, G. C. M. *et al.* **Gestão da Diversidade: um estudo entre as “melhores empresas para você trabalhar”.** In: XI SEMEAD, 2008. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/11semead/resul%20tado/trabalhosPDF/445.pdf> Acesso em: 20 Out. 2015.

THOMAS JUNIOR, R. R. **Beyond race and gender: unleashing the power of your total work force by managing diversity.** New York: AMACON, 1991.

# APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR DE *MARKETING* EM UMA FACULDADE DO POLO TECNOLÓGICO DE SANTA RITA DO SAPUCAÍ - MG

**Juliana de Oliveira Becheri Souza**  
Bacharelanda em Administração  
Bolsista de Iniciação Científica da Fapemig  
juliana@fai-mg.br

**José Cláudio Pereira**  
Professor orientador  
jclaudioe@fai-mg.br

**Resumo:** este artigo tem por objetivo levar à compreensão sobre a formação esperada de um profissional de *Marketing* e a importância da interdisciplinaridade na construção de seus saberes. A metodologia utilizada é um estudo de caso do Programa de Administração Aplicada (PAA) do Curso de Bacharelado em Administração da FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação. Realizou-se uma pesquisa de campo com os alunos participantes desse programa e os resultados obtidos indicaram que o novo contexto mercadológico exige que os profissionais sejam criativos, mas ao mesmo tempo, entendam de finanças e tecnologia. Ficou constatado que esse programa interdisciplinar facilita a interação entre o conhecimento teórico e a realidade prática, no entanto, ele não é suficiente para aumentar o grau de confiança dos estudantes.

**Abstract:** the purpose of this paper is to lead to the understanding of the expected qualification of a Marketing professional and the importance of the interdisciplinarity in the construction of knowledge. The methodology applied is based in a case study of the Programa de Administração Aplicada (PAA) of the Bachelor of Administration Course of FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação. A field survey was conducted with the students

who are participating in this program and the results indicated that the new marketing context requires that professionals need to be creative but, at the same time, they have to understand finance and technology also. It was found that interdisciplinarity programs facilitate interaction between theoretical knowledge and practical reality; however, this program is not enough to increase the confidence level of the student.

**Palavras-chave:** Administração. Formação Profissional. *Marketing*. Interdisciplinaridade.

**Keywords:** Administration Course. Professional Qualification. Marketing. Interdisciplinarity.

## 1 INTRODUÇÃO

A dinâmica mercadológica é um dos pontos cruciais no desenvolvimento estratégico de uma organização e fundamental na criação de vantagens competitivas diante dos concorrentes. No entanto, para a consecução de resultados positivos é necessário que se realize um planejamento estruturado, com técnicas e ferramentas corretas e criativas, capazes de solucionar problemas e alcançar metas empresariais. Como Kotler e Keller (2006, p. 2) afirmam “o bom marketing não é acidental”.

Aliado a isso, as forças sociais têm mudado ao longo do tempo, criando, dessa forma, novos comportamentos em consumidores, novas tendências de consumo, novas realidades empresarias e mudanças político-econômicas. Como consequência, tais transformações requerem métodos modernos de respostas e profissionais capacitados para enxergar oportunidades de mercado que atendam, da melhor maneira, as necessidades e os desejos dos clientes.

Neste contexto, a formação do profissional apto a trabalhar neste ambiente em constante transformação deve ser interdisciplinar, abranger tanto aspectos econômico-financeiros como sociais, humanísticos e de inovação. Sendo assim, as Instituições de Ensino Superior são uma das grandes responsáveis por desenvolverem habilidades que contribuam para esta formação, ou seja, adequando as expectativas dos alunos à realidade do mercado de trabalho.

Contudo, este processo de disseminação do saber e aprendizagem também tem se apresentado dinâmico, pois as mudanças societais o afeta diretamente. Citam-se como exemplos destas mudanças a Faculdade de Yale cujo currículo foi todo reestruturado de modo multidisciplinar e, Harvard onde os alunos são responsáveis por desenvolverem um produto ou serviço para empresas de país emergente, além de serem estimulados à imersão em empresas estrangeiras (IKEDA, 2013).

Diante do exposto, a pesquisa visa suscitar qual é a formação esperada para um profissional de *Marketing*, atentando-se para as definições de Kotler, Keller e Fisk, como também, enfatizar a importância da interdisciplinaridade por meio da autora Ivani Fazenda.

Levando em considerações as mudanças de aprendizagem dentro das

Instituições de Ensino Superior, este artigo tem como objetivo apresentar como um método interdisciplinar pode contribuir para a formação de profissionais capacitados na área mercadológica.

Para tanto, foi realizado um estudo de caso exploratório sobre o Programa de Administração Aplicado (PAA) presente na matriz curricular do segundo ano do curso de bacharelado em Administração, da Instituição FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação. Realizou-se uma pesquisa de campo com os estudantes participantes deste programa a fim de compreender as seguintes hipóteses:

- a) a criação de programas interdisciplinares permite que os alunos integrem todas as disciplinas presentes na grade curricular de seus cursos;
- b) a interdisciplinaridade propicia aos alunos que os conhecimentos teóricos se conectem com a realidade prática;
- c) programas interdisciplinares favorecem a integração adequada do aluno, empresa e faculdade na construção do saber; e
- d) estudantes que participam de programas interdisciplinares se sentem mais confiantes para atuarem no mercado de trabalho.

Por último, de acordo com os autores da área, especialmente os mencionados, fez-se um levantamento das habilidades mais esperadas para um profissional de *Marketing*, quando os estudantes que participaram do programa atribuíram nota de 0 a 5 para cada uma, segundo o grau de importância atribuído a elas, por cada um deles, de acordo com a execução do Plano Estratégico de *Marketing*.

## 2 FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE *MARKETING*

A atuação do *Marketing* sofreu várias mudanças ao longo do tempo, tais mudanças interferem, diretamente, no papel e responsabilidade do profissional da área. Para corroborar esta afirmação, toma-se como exemplo as mudanças ocorridas na definição de *Marketing* utilizada pela *American Marketing Association* (AMA), como mostra o Quadro 1.

Ano	Definição	Enfãse
1935	<i>Marketing</i> é o desempenho de atividades que direcionam o fluxo de bens e serviços dos produtores aos consumidores.	Eficiência na alocação de bens e/ou serviços.
1985	<i>Marketing</i> é o processo de planejamento e execução do conceito, do preço, da comunicação e da distribuição, de ideias, bens ou serviços, de modo a criar trocas que satisfaçam objetivos individuais e organizacionais.	Garantir satisfação nas trocas entre consumidor e organização.
2004	<i>Marketing</i> é uma função organizacional e uma série de processos para a criação, comunicação e entrega de valor para cliente, e para o gerenciamento de relacionamentos com eles, de forma que beneficie a organização e seus <i>stakeholders</i> .	Criar valor para todos <i>stakeholders</i> .
2013	<i>Marketing</i> é uma atividade, conjunto de instituições e processos para criar, comunicar, entregar e trocar ofertas que tenham valor para consumidores, clientes, parceiros e sociedade em geral	Entregar valor para a sociedade em geral.

QUADRO 1 - Definição de *Marketing*

Fonte: DARROCH *et al*, 2004; AMA, 2013

De posse destas informações, observa-se que houve uma grande alteração das tarefas e objetivos do *Marketing*. Em 78 anos, a ênfase na alocação de bens e serviços se torna ineficiente e, no ano de 2013 o objetivo principal do *Marketing* passa a ser a entrega de valor para sociedade em geral, ou seja, a maior contribuição do *Marketing* atual está na diminuição da díade comprador-consumidor pela crescente preocupação sobre a sociedade. Como afirma Kotler e Keller (2006, p.20):

A orientação de *marketing* societal sustenta que a tarefa da organização é determinar as necessidades, os desejos e interesses dos mercados-alvo e satisfazê-los de maneira mais eficiente e eficaz que os concorrentes, de um modo que conserve ou aumente o bem-estar do consumidor e da sociedade como um todo.

A atuação do *Marketing* está além da empresa e clientes, afeta a sociedade como um todo. Para Hooley, Saunders e Piercy (2005) o papel do *Marketing* deve manter a empresa atualizada tanto de seu macro-ambiente quanto de seu ambiente competitivo. E isto significa adquirir

(...) capacidade para se conectar com os ambientes externos e internos; mercados e negócios; clientes e acionistas; criatividade e análise; promessas e realidade; hoje e amanhã (FISK, 2008, p. 1).

Neste contexto, é imprescindível que o profissional de *Marketing* se adeque ao novo contexto mercadológico, econômico-social e cultural; para que tanto os objetivos organizacionais como os sociais sejam atingidos. Sendo assim, diante de clientes cada vez mais sofisticados, é importante que a empresa dê enfoque em relacionamentos de longo prazo com os consumidores, faça uso da tecnologia da informação, alianças estratégicas,

integração vertical e parcerias informais (HOOLEY; SAUNDERS; PIERCY, 2005).

Para isso, é importante que os profissionais estejam aptos a entender e desenvolver estratégias que auxiliem em vantagens competitivas e na manutenção da empresa no mercado. Desta forma, Koller e Keller (2012) defendem que as preocupações devem ser mais abrangentes, englobando contextos éticos, ambiental, legal e social. Os mesmos autores também ressaltam a importância da construção do relacionamento através de causas mútuas, bem como, a necessidade do trabalho em equipe interdepartamental para gerenciar processos-chaves.

Como Fisk (2008) ressalva o profissional deve ser criativo, intuitivo e imaginativo, sem deixar de ser realista, analítico e metódico, a fim de determinar uma estratégia inovadora que alcance um crescimento lucrativo para a empresa. Essa afirmação se mostra relevante, pois segundo Kotler (2005, p. 41) “os profissionais de *Marketing* só serão mais respeitados quando passarem a ser mais fluentes na linguagem financeira”. Observa-se que o *Marketing* tende a atrair pessoas criativas e inovadoras, que gostam de desafios e de lidar mais com pessoas.

Uma vez que os profissionais respondem tanto pelo macroambiente quanto ao ambiente interno das organizações, é pertinente que eles atuem de maneira socialmente responsável para assegurar a sobrevivência e o crescimento da empresa, bem como, possuir habilidades interpessoais e de credibilidade perante parceiros, clientes e sociedade como um todo (CZINKOTA *et al.* 2001; KOTLER, 2005). Ao mesmo tempo, o profissional precisa ser perspicaz, criativo e consistente para criar soluções (FISK, 2008).

Desta forma, espera-se, que cada vez mais, os profissionais de *Marketing*

tenham uma compreensão profunda de finanças, tecnologia, *marketing* de banco de dados, *telemarketing*, *marketing* de relacionamento com cliente, entretanto, é importante que estas habilidades sejam combinadas com um talento criativo, pois as empresas em geral procuram novas ideias para diferenciar suas ofertas (KOTLER, 2005). Isto porque, “a criação de valor excepcional para os clientes é o único caminho sustentável de gerar retornos superiores para os acionistas” (FISK, 2008, p. 2).

### 3 INTERDISCIPLINARIDADE

Diante de várias mudanças tecnológicas e, conseqüentemente sociais, é essencial que as Instituições de Ensino Superior criem estratégias inovadoras e criativas de ensino, a fim de favorecer a construção do saber, estimulando ao aluno um conhecimento interdisciplinar, ou seja, menos fragmentado.

Dessa forma, a interdisciplinaridade é uma proposta pedagógica que visa melhorar o ensino e aprendizagem com intuito de promover o desenvolvimento escolar, como também, o social (UMBELINO; ZABINE, 2014). Segundo Thiesen (2008, p. 546) “a interdisciplinaridade, como um movimento contemporâneo que emerge na perspectiva da dialogicidade e da integração das ciências e do conhecimento, vem buscando romper com a fragmentação dos saberes”.

Para Umbelino e Zabini (2014) este método possui uma proposta de formar pessoas com uma visão ampla de carreira, no que diz respeito à limitação profissional. No entanto, é necessário que os alunos realmente saibam identificar conceitos e analogias por si próprios, cabendo ao professor a virtude da espera deste processo (FAZENDA, 2015).



“Todo conteúdo por mais específico que seja sempre está associado (...)” (ZABALA, 1998, p. 40). Logo, a interdisciplinaridade possibilita uma visão holística dos conteúdos através de novas relações, de contextos distintos, sem se esquecer do conhecimento prévio do aluno.

(...) Por isso, entendemos o seguinte: cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas, nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade (FAZENDA, 2008, p. 18).

Dessa forma, pode-se dizer que a interdisciplinaridade salienta a interdependência existente entre as ideias, destaca a interatividade entre os saberes, além de assumir que todos os conceitos e teorias estão conectados entre si (SILVA, 2013). Como Thiesen (2008) ressalva a metodologia interdisciplinar lança uma ponte para ligar as fronteiras entre as disciplinas com o objetivo de assegurar a cada uma suas particularidades, contudo, oferece um todo em comum.

Especificamente, no curso de Administração, os métodos que trabalham a teoria através de leitura estão perdendo espaço para metodologias que permitem a inovação, o desenvolvimento competitivo e novas vivências para os discentes (SILVA, 2013). Conforme Fazenda (1999) quem pratica a interdisciplinaridade ratifica sua realidade, buscando novos caminhos e novos fatos.

Dessa forma, Mattar Neto (2003, p. 119) afirma que “(...) as universidades devem se tornar interdisciplinares tanto na sua função de disseminar conhecimentos quanto na função de gerar novos conhecimentos”. Contudo, poucas instituições propiciam e tem infraestrutura adequada para

incentivar projetos interdisciplinares (FAZENDA, 2015).

Por conseguinte, é necessário que as Instituições de Ensino Superior invistam no seu quadro de docentes, qualificando-os e capacitando-os para atender às necessidades dos discentes, além de contar com recursos tecnológicos para desenvolver suas atividades de acordo com a atualidade. Como afirma Fazenda (2015) quando encontram tais instituições dispostas a atuar desta maneira, o fator principal de distinção é o diálogo, a marca, o encontro e a reciprocidade.

### 3 PROGRAMA DE ADMINISTRAÇÃO APLICADA

O Programa de Administração Aplicada (PAA) da FAI localizada no polo tecnológico de Santa Rita do Sapucaí – MG, é um programa interdisciplinar proposto para ser realizado em todos os anos do curso de bacharelado em Administração.

Esta metodologia de aprendizagem visa unir os conhecimentos teóricos com a aprendizagem prática por meio de um trabalho interdisciplinar realizado pelos alunos nas empresas. A cada ano do curso, este mesmo programa aborda problematizações diversas, proporcionando ao aluno a interação entre o ambiente acadêmico com o profissional.

O PAA do segundo ano tem como propósito a criação de uma estratégia de *Marketing* a ser adotada por uma empresa para colocação do seu produto ou serviço no mercado. Este trabalho permite que os alunos observem, na prática, os conceitos administrativos envolvidos nesse processo, além de incentivar a vivência profissional dos mesmos.

Ademais, espera-se com a aplicação do programa que os alunos relacionem a teoria aprendida em sala

de aula com a prática das organizações, que haja o aperfeiçoamento da capacidade de decisão dos alunos por meio do uso de técnicas adequadas de investigação, análise e avaliação, incentivando-os a propor soluções criativas às organizações e ativando seus potenciais. Dentro do ambiente acadêmico, a implantação do programa visa gerar um local de interação entre os professores de todas as disciplinas do segundo ano, promovendo a interdisciplinaridade.

Apesar de o tema central ser *Marketing*, este trabalho abrange as nove disciplinas da grade curricular do curso de bacharelado em administração do segundo ano, são elas: Filosofia, Comunicação II, Planejamento Empresarial, Administração Financeira e Orçamentária, Administração de Materiais, Produção e Logística I, Direito Aplicado às Organizações, Administração Mercadológica I, Estatística Aplicada I e Administração de Sistemas de Informação.

Para realização deste trabalho, são formadas equipes de quatro a seis alunos. Cabe aos alunos a escolha da empresa e do produto a serem trabalhados, sendo que a Instituição disponibiliza cartas de apresentação aos alunos que requisitarem para enviar as empresas a fim de facilitar esta interação.

Dessa forma, este trabalho começa a ser desenvolvido no segundo bimestre do ano e no decorrer do ano letivo são realizados seminários sobre os tópicos propostos na construção do relatório, tendo o seu término no quarto bimestre do ano letivo. A escolha da empresa e do produto a serem trabalhados fica a critério dos alunos, no entanto, a empresa escolhida não deve ter sido objeto deste trabalho pelos dois anos anteriores.

Outro fator relevante é que os melhores trabalhos são prestigiados com estandes na Feira de Tecnologia da FAI

(Faitec), consequentemente, é disseminado o espírito competitivo entre os alunos pela busca da execução de um bom trabalho. Nesta feira, os trabalhos são avaliados novamente só que por um júri externo sendo que os três trabalhos melhores avaliados são premiados.

#### 4 METODOLOGIA APLICADA

O estudo tem como objetivo compreender e explorar a formação esperada para um profissional de *Marketing*, bem como enfatizar a importância de uma instrução interdisciplinar nesta área interligando-as com as expectativas dos bacharelados em Administração. Para isso, a pesquisa buscou compreender o PAA e a reação dos participantes perante o programa e mercado de trabalho.

Sendo assim, pode-se afirmar que o foco deste estudo foi um fenômeno contemporâneo, onde as principais questões da pesquisa se baseiam em entender as reações dos participantes do programa quanto às expectativas de aprendizagem, as características principais para a formação de um profissional em *Marketing*, como também, a importância das Instituições de Ensino Superior em realizar um programa interdisciplinar, capaz de unir alunos, empresa e faculdade para promover o aprendizado.

Diante da problematização e dos objetivos da pesquisa, empregou-se como metodologia o estudo de caso, pois segundo Lüdke e André (1986) este estabelece algumas características básicas de pesquisa como a ênfase na interpretação do contexto, o retrato da realidade de forma completa e profunda, além de fazer uso de variadas fontes de informação. Dooley (2002 *apud* Meirinhos e Osório, 2010) ainda acrescenta que o estudo de caso tem

como vantagem a sua aplicabilidade em contextos contemporâneos da vida real.

Para melhores resultados, o estudo de caso se caracterizou pela exploração de assuntos ligados ao tema, como também, pelo levantamento e análise de dados quantificáveis. Segundo Diehl (2004) a abordagem quantitativa evita possíveis distorções de análise e interpretação, possibilitando uma maior margem de segurança e validação da pesquisa. Neste sentido, o estudo de caso rege-se dentro de sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação das informações.

A pesquisa realizada foi feita com seis turmas da Instituição, com os alunos do terceiro e quarto ano do bacharelado em Administração. Aplicou-se o questionário em toda população, abrangendo 150 alunos. O questionário teve perguntas sobre o grau de importância das características de um profissional de *Marketing* (abordados no referencial teórico) para a realização do plano estratégico de *Marketing*, bem como, perguntas voltadas a entender o alcance do PAA no quesito interdisciplinaridade.

## 5 RESULTADO DA PESQUISA

Em relação à primeira questão do questionário os alunos atribuíram notas às características mais importantes de um profissional de *Marketing* utilizadas na construção do plano estratégico de *Marketing* para inserção de um produto ou serviço no mercado. O Gráfico 1 apresenta as notas atribuídas por cada aluno segundo o grau de importância de cada característica.

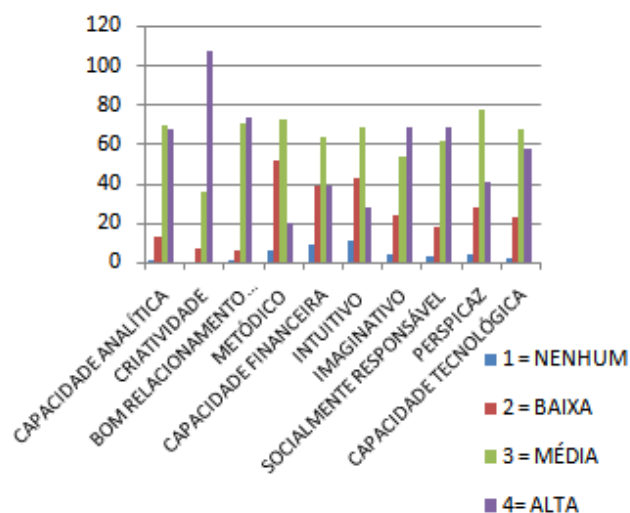


GRÁFICO 1 – Grau de importância das características de um profissional de *marketing* na execução de um plano estratégico de *marketing* para inserção de um produto ou serviço no mercado

Observa-se que 107 alunos atribuíram a característica criatividade um grau de importância alto na realização do plano estratégico de *Marketing*, ficando ela acima de todas as outras mencionadas. Outra característica que os alunos têm designado um alto grau de importância é o bom relacionamento interpessoal.

É interessante mencionar que a mesma quantidade de alunos tem atribuído o mesmo grau de importância para as características imaginativo e socialmente responsável, sendo que esta última tem aparecido muito depois dentro do ambiente mercadológico. A capacidade analítica tem apresentado um comportamento diferente de todas as características, pois praticamente a mesma quantidade de alunos tem atribuído um grau de importância médio e um grau de importância alto.

Outra comparação pode ser realizada entre as características intuitivo e imaginativo, como se pode observar no Gráfico 1, 68 alunos atribuíram alto grau de importância para característica imaginativa, enquanto 28 alunos atribuíram alto grau de importância para a característica intuitiva, o que demonstra que os alunos

estão se tornando menos empíricos ou guiados por simples intuição.

Ademais, as características metódico, perspicaz, capacidade financeira e capacidade tecnológica tem se apresentado, segundo os alunos que desenvolveram o plano estratégico de *Marketing*, com um médio grau de importância.

Em referência à interdisciplinaridade proposta pelo PAA foram elaboradas quatro perguntas a fim de compreender o alcance dos objetivos proposto pelo programa. Dessa forma, chegaram-se aos seguintes resultados do Gráfico 2.



GRÁFICO 2 - Integração de todas as disciplinas na realização do plano estratégico de *marketing*

Em observância ao Gráfico 2, pode-se notar que na maioria das vezes houve integração de todas as disciplinas na realização do plano estratégico de *marketing*, e apenas 2 % dos alunos disseram que esta integração aconteceu raramente.

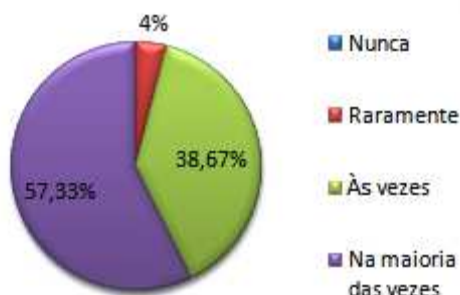


GRÁFICO 3 - Conhecimentos teóricos relacionados com a atividade prática

Em consonância com o Gráfico 3, foi possível entender que 57,33% dos alunos afirmaram que conseguiram conectar, na maioria das vezes, os conhecimentos teóricos com o que viu ser realizado na prática, 38,67% afirmaram que essa relação entre conteúdo teórico e realidade prática aconteceram às vezes.



GRÁFICO 4 - Integração adequada entre a empresa, o aluno e a faculdade

De acordo com o Gráfico 4, pode-se observar que 12,67% dos alunos afirmaram que raramente houve a integração adequada entre a empresa, o aluno e a faculdade, no que diz respeito à construção do saber, porém, 43,34% já afirmaram que às vezes houve uma integração adequada entre a empresa, o aluno e a faculdade.



GRÁFICO 5 - Confiança dos alunos para atuarem como profissional de *Marketing* depois da realização do plano estratégico de *Marketing*

Como é possível observar os alunos ainda possuem um nível de confiança baixo, pois 18% deles raramente se sentem confiantes para atuarem como profissionais de *Marketing*, enquanto que somente 28%

se sentem confiantes, na maioria das vezes, aptos para atuarem na área.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho suscitava compreender a formação esperada para um profissional de *Marketing* e, entender sobre a importância de uma aprendizagem interdisciplinar na construção de um profissional apto para o mercado. Dessa forma, como apresentado no referencial teórico a atuação deste profissional tem sofrido mudanças ao longo do tempo.

Atualmente, a maior contribuição do profissional de *Marketing* está na diminuição da díade comprador-consumidor pela crescente preocupação sobre a sociedade. Sendo assim, fica explícito que o profissional deve se adequar ao novo contexto mercadológico, econômico-social, cultural e tecnológico. Além de continuar sendo criativo, intuitivo e imaginativo, sem deixar de ser realista, analítico e metódico.

Tais colocações apresentaram veracidade, pois ao ser realizada a pesquisa de campo com os alunos de bacharelado em administração, os quais desenvolveram o Plano estratégico de *marketing*, observou-se que a característica criativa continua com um alto grau de importância nesta profissão, mas, características consideradas mais lógicas foram avaliadas com um grau médio de importância, ou seja, os alunos tem consciência de que para ser um profissional de *marketing* é importante que as características lógicas e criativas estejam sincronizadas.

O bom relacionamento interpessoal também foi classificado com um alto grau de importância, isso porque, mesmo com todos os meios de comunicação esta área tende a estar sempre em contato com o público das organizações. É interessante mencionar que a pesquisa deixou claro que

quantidade significativa de alunos tem se preocupado com a responsabilidade social na inserção de um produto ou serviço no mercado, corroborando a definição de *marketing* da AMA que conceitua os processos do *marketing* como valor para a sociedade em geral.

Em relação ao PAA, foi possível perceber que o objetivo de interdisciplinaridade visada pela Instituição tem alcançado valores positivos, uma vez que 70,67% dos alunos participantes deste programa afirmam que na maioria das vezes tem integrado todas as disciplinas na realização do plano estratégico em *Marketing*. Além de que a primeira hipótese apresentada na introdução tem-se apresentado verdadeira.

A segunda hipótese apresentada na introdução foi referente à assimilação de conteúdos a realidade prática, sendo assim, a maior parte dos alunos tem afirmado que na maioria das vezes eles puderam conectar os conhecimentos teóricos com a realidade prática das organizações.

Afirmou-se que programas interdisciplinares permitem a integração adequada entre o aluno, a empresa e a faculdade, o que não se mostrou verdadeiro como apresenta o resultado da pesquisa de campo, ou seja, 12,67% dos alunos afirmam que raramente esta interação foi adequada e 43,66% afirmam que às vezes ocorreram interações entre as partes de maneira adequada.

Esperava-se que os alunos que desenvolveram um programa interdisciplinar na faculdade se sentiram mais confiantes para atuarem no mercado. No entanto, apenas 28% dos alunos que desenvolveram o Plano Estratégico de *Marketing* proposto pelo PAA sentem-se na maioria das vezes mais confiantes para atuar como profissional de *Marketing*.

Enfim, a pesquisa mostrou como um programa interdisciplinar que ajuda

na assimilação de conceitos teóricos com a realidade prática age sobre a capacidade dos alunos integrarem os conhecimentos disponíveis em todas as disciplinas, possibilitando uma visão mais holística e criativa nas resoluções de problemas. Contudo, percebeu-se que a instauração de um programa interdisciplinar não garante uma integração adequada entre alunos, empresas e faculdade, como também não é suficiente para aumentar o nível de confiança de futuros profissionais.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN MARKETING ASSOCIATION. **About AMA.**

Chicado: AMA.ORG, 2013. Disponível em: <<https://www.ama.org/AboutAMA/Pages/Definition-of-Marketing.aspx>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CZINKOTA, Michael R. *et al.*

**Marketing:** as melhores práticas. Porto Alegre: Bookman, 2001. 559 p.

DARROCH, Jenny; MORGAN, Miles; JARDINE, Andrew; COOKE, Ernest F. The AMA definition of marketing and its relationship to a market orientation: an extension of Cooke, Rayburn & Abercrombie. **Journal of Marketing Theory and Practice**, 12(4), p. 29-38, 2004.

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas:** métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Didática e Interdisciplinaridade.** Campinas: Papirus, 2015. 192 p.

\_\_\_\_\_. **O Que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade:** História, teoria e pesquisa. 4. ed. São Paulo: Papirus, 1999. 144 p.

FISK, Peter. Aspirantes a gênios. **HSM Management**, n. 66, p. 1-5, 2008. Disponível em: <<http://www.evef.com.br/artigos-e-oticias/administracao-de-marketing/383-aspirantes-a-genios>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

HOOLEY, Graham J.; SAUNDERS, John A.; PIERCY, Nigel F. **Estratégia de Marketing e Posicionamento Competitivo.** 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

IKEDA, Patrícia. Só tradição não basta. **Revista Exame**, São Paulo, n. 21, p. 120-121, 13/nov., 2013.

KOTLER, Philip. **O Marketing sem Segredos.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing.** 12. ed. São Paulo: Pearson, 2006. 750p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MÁTTAR NETO, João Augusto. **Metodologia Científica na Era da Informática.** São Paulo: Saraiva, 2003. 308 p.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso com estratégia de investigação em educação. **EDUSER:** revista de educação, vol. 2, p. 49-65, 2010. Disponível em: <[https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O estudo de caso como estratégia de investigação em educação.pdf](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2016.

SILVA, Elaine Cristine Carneiro da. **A disciplina jogos empresariais no processo interdisciplinar**: uma metodologia de ensino-aprendizagem com os discentes do curso de administração da Faculdade Cearense. Ceará: 2013. Disponível em: <[http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/ADM/Monografia\\_revisada\\_para\\_CD.pdf](http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/ADM/Monografia_revisada_para_CD.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2016.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Rev. Bras. Educ.** vol. 13, n. 39, p. 545-554, 2008.

UMBELINO, Moacir; ZABINI, Franciele Oliveira. A importância da interdisciplinaridade na formação do docente. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR: Formação e conhecimento, Sorocaba, 2014. **Anais eletrônicos**. Disponível em: < [https://www.uniso.br/publicacoes/anais\\_eletronicos/2014/1\\_es\\_formacao\\_de\\_professores/44.pdf](https://www.uniso.br/publicacoes/anais_eletronicos/2014/1_es_formacao_de_professores/44.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2016.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p.

## RESENHA

Artigo: SALLES, Ana Carolina; ALVES, Ana Paula Ferreira Alves; DOLCI, Décio Bittencourt; LUNARDI, Guilherme Lerch. Tecnologia da Informação Verde: um estudo sobre sua adoção nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 42-63, Jan/Fev. 2016.

**Gabriel Lisbôa Garcia**

Graduando em Sistemas de Informação  
Bolsista de Iniciação Científica da Fapemig

O artigo Tecnologia da Informação Verde: Um Estudo sobre sua Adoção nas Organizações, dos autores Ana Carolina Salles, Ana Paula Ferreira Alves, Décio Bittencourt Dolci e Guilherme Lerch Lunardi, objetiva explicar a adoção da Tecnologia de Informação (TI) Verde nas organizações, usando três estudos de casos com empresas de diferentes segmentos econômicos.

Na primeira seção são tratados os dois principais temas da pesquisa, a Sustentabilidade e a TI Verde, destacando os principais motivos de sua adoção nas organizações e as motivações que a incitam nas práticas organizacionais.

Devido à degradação do meio ambiente e à diminuição de reservas naturais não renováveis, a sustentabilidade é um tema muito relevante e que vem sendo debatido em conferências internacionais, como foi a Rio + 20. De acordo com o relatório *Our Common Future*, de 1987, definiu-se o desenvolvimento sustentável como aquele que “satisfaz às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas necessidades” (WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT, 1987, p. 43). Isto vai de encontro com a necessidade de diminuir a degradação ambiental e reestabelecer o equilíbrio dos ecossistemas, a fim de entregar às futuras gerações a possibilidade de suprir suas próprias necessidades.

Ainda na primeira seção, é abordado o tema da TI Verde que, por ser um conceito novo, não apresenta apenas uma definição. De acordo com os autores, a TI Verde é base para solução de problemas ambientais gerados pela TI e dentre as definições encontradas, trata-se de um método para enfrentar os desafios deste campo pela “(...) redução dos impactos ambientais das atividades de TI, dos suportes de TI para as práticas empresariais ambientalmente corretas e do papel da TI na economia de baixo carbono” (p. 73), visando a redução dos impactos ambientais provocados pela mesma. Por meio de várias ações, a TI Verde propõe o uso mais consciente dos recursos ambientais, diminuição da poluição provocada pelos descartes incorretos, reciclagem de materiais, criação de produtos que consumam menos energia, dentre outras.

A segunda e terceira seções tratam da pesquisa feita pelos autores do artigo. Nessas seções encontram-se os métodos empregados, como foram feitos os contatos com as empresas, o protocolo de análise dos dados e os resultados obtidos. Também se encontram as discussões acerca dos resultados obtidos em cada organização e alguns padrões que a seguem. A pesquisa proposta pelos autores visa analisar nas organizações “(...) a relação entre estratégias e práticas de sustentabilidade nas suas várias dimensões”. Essas dimensões foram propostas por Elkington (2001) como *Triple Bottom Line* que são a



ambiental, social e a econômica, além da TI Verde. Para tanto, foram elaboradas questões que, posteriormente, foram usadas em entrevistas com os responsáveis pelas áreas de TI das empresas. As empresas foram selecionadas por uma empresa de consultoria especializada no ramo do meio ambiente e o contato com as empresas ocorreu por meio de e-mails.

Nessas duas seções intermediárias é possível compreender como os diferentes componentes da pesquisa - interpretação dos dados obtidos, os motivos reais da adoção da TI Verde, práticas implantadas, benefícios alcançados e as dificuldades enfrentadas - influenciam na forma como as organizações têm implantado a TI de forma sustentável.

Por último, na quarta e quinta seções, os autores discutem os resultados obtidos com base em quatro constatações e apresentam, ao final, a conclusão deles. A primeira constatação refere-se à necessidade das organizações observarem os contextos legal, social, ambiental e econômico como partes fundamentais no processo de tomada de decisão. A segunda constatação conclui quais decisões são mais importantes que outras e a terceira diz respeito ao uso da TI Verde a partir do momento em que se encontram benefícios financeiros e operacionais para ela. Destaca-se ainda a inclusão das leis e organizações governamentais como forma das organizações se manterem ambientalmente corretas. Verificou-se, ainda, nesta pesquisa, que tanto o contexto legal, onde a empresa dentro das leis propostas no ambiente em que está inserida, proporcionando o uso de algumas operações e ganhando vantagem no mercado competitivo, quanto o contexto econômico, destacando o uso mais racional dos recursos financeiros da empresa e economia nos departamentos que investiram em TI Verde, ainda são os principais fatores para que as empresas queiram investir num uso mais racional

dos recursos ambientais. Em segundo plano estão tanto a parte social, quanto a ambiental.

Aponta-se ainda na conclusão pelos autores que a pesquisa contou com pouca participação de empresas, portanto, para um estudo mais aprofundado e conclusivo é necessário analisar estudos correlatos, como também realizar novas pesquisas que abrangem outras atividades.

## CONSIDERAÇÕES DO RESENHISTA

O artigo traz à discussão temas importantes e está muito bem estruturado, levando os leitores a adquirirem um conhecimento pouco difundido, mas de muita relevância para as pessoas. A TI Verde pode ser aplicada tanto em micro e pequenas empresas como em empresas de médio e grande portes, pois apresenta soluções práticas e cabíveis à realidade dessas.

O artigo em questão deve ser de interesse dos estudantes das áreas de TI e de Ciências Ambientais. Serve também para as organizações que queiram mudar rotinas operacionais em prol do meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

ELKINGTON, J. **A teoria dos Três Pilares**. São Paulo: Makron Books, 2001.

SALLES, A. C.; ALVES, A. P. F. A.; DOLCI, D. B.; LUNARDI, G. L.. Tecnologia da Informação Verde: Um Estudo sobre sua Adoção nas Organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 42-63, Jan/Fev. 2016.

WORLD COMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. **Relatório**. Londres: Oxford University Press, 1987.

## RESUMOS DOS PROJETOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – TURMA DO ANO DE 2015

### DESENVOLVIMENTO DE UMA APLICAÇÃO INTEGRADA A UMA ARQUITETURA ORIENTADA A SERVIÇOS: *HELP THE CITY*

Aliane Aparecida Leal  
André Guilherme de Melo Barreiro  
Maria Paula de Oliveira Barbosa  
Pablo Luís da Mota Nora

Eunice Gomes de Siqueira  
Professora Orientadora

**Resumo:** a utilização de uma arquitetura orientada a serviços, por meio de tecnologias apropriadas, tem se tornado cada vez mais útil no cenário mundial de softwares. Este projeto buscou aplicá-la em um sistema de informação para melhoria da infraestrutura urbana do Brasil. O sistema *Help the City* foi dividido em três módulos: móvel, *web* e servidor, sendo que todos eles se comunicam por meio de *web services*. Tecnologias *web* como HTML 5, CSS 3, *JavaScript* e *Node.js* foram utilizadas para desenvolvimento dos módulos do sistema em questão.

**Palavras-chave:** Infraestrutura urbana. Arquitetura Orientada a Serviços. Sistemas de Informação.

## **RESUMOS DOS PROJETOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – TURMA DO ANO DE 2015**

### **DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA PARA CONTROLE DA MANUTENÇÃO DE PRAÇA DE PEDÁGIO – SIGMA**

Flávio José Ribeiro Inácio  
Leticia de Cássia Gonçalves de Souza

Eunice Gomes de Siqueira  
Professora Orientadora

**Resumo:** este projeto consistiu no desenvolvimento de um sistema de informação - nomeado SIGMA - que atendeu a uma empresa do segmento de concessionária de rodovias. O objetivo principal do projeto foi criar um sistema de informação capaz de apoiar a manutenção de praças de pedágio da Rodovia Fernão Dias. As atividades deste trabalho foram organizadas em quatro fases e devidamente atribuídas a cada integrante da equipe autora/executora do projeto. Assim, o projeto envolveu estudos, planejamento, gerenciamento, modelagem, codificação e testes do sistema de software, dentre outras atividades que foram necessárias para o cumprimento da proposta do SIGMA.

**Palavras-chave:** Praça de Pedágio. Concessionária de Rodovia. Manutenção. Sistema de Informação.

## RESUMOS DOS PROJETOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – TURMA DO ANO DE 2015

### EMOTHER

Adilson Domiciano Júnior  
Guilherme de Oliveira  
Leandro Tadeu de Castro

Eunice Gomes de Siqueira  
Thiago Ribeiro de Freitas  
Professores Orientadores

**Resumo:** o projeto consistiu no desenvolvimento do Emother, um sistema web que permite aos professores e demais profissionais da educação registrarem as atividades diárias realizadas pelas crianças matriculadas em Instituições de Educação Infantil. Para o desenvolvimento deste projeto foram explorados os conhecimentos adquiridos no curso de Sistemas de Informação da FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação acerca das técnicas de Gerência de Projetos, de Engenharia de Software e de Linguagens de Programação. O projeto teve a colaboração direta de um professor e de uma estudante do Curso de Pedagogia.

Palavras-chave: Educação Infantil. Educador. Avaliação. Sistemas de Informação.

## **RESUMOS DOS PROJETOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – TURMA DO ANO DE 2015**

### **ESTUDO DE ANÁLISE DE SENTIMENTO A PARTIR DE UMA REDE SOCIAL DESTINADA À TROCA DE LIVROS - CIRANDA DE LIVROS**

Edno Muniz Filho  
Evaldo de Oliveira  
Rafael Pires Vilas Boas

Fábio Gavião Avelino de Mélo  
Professor Orientador

**Resumo:** o interesse pela leitura no Brasil vem diminuindo a cada ano, mas, por outro lado, o número de usuários com acesso à internet e às redes sociais vem aumentando a cada dia. Foi esse o cenário que inspirou o projeto Ciranda de Livros, que consistiu no desenvolvimento de uma rede social para usuários que possuem livros e têm interesse em trocá-los com os demais usuários participantes da rede. A fim de encontrar a opinião desses usuários sobre as obras lidas, utilizou-se uma técnica de análise de sentimentos. Espera-se que a rede social Ciranda de Livros incentive o hábito da leitura entre os brasileiros, por meio do acesso às obras literárias de forma prática e econômica.

**Palavras-chave:** Rede Social. Análise de Sentimentos. Leitura. Sistemas de Informação.

# RESUMOS DOS PROJETOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – TURMA DO ANO 2015

## EVOLUÇÃO DO SISTEMA PARA APOIO DE PROJETOS ÁGEIS – SCRUMWEB

Augusto Borges Mesquita  
Gustavo Pires Gonçalves  
Luiz Ricardo Pires

Silvana Isabel de Lima  
Professora Orientadora

**Resumo:** este projeto refere-se à evolução do Scrumweb, um sistema de apoio a projetos que adotam o *framework* ágil *Scrum*. Para se alcançar os objetivos, uma série de conhecimentos foi obtida pela equipe sobre o tema em questão. Contou-se com a colaboração dos professores de Engenharia de Software, de Gerência de Projetos e de Sistemas Distribuídos, além do apoio da orientadora deste projeto e da coordenação do curso de Sistemas de Informação. As particularidades de cada área do conhecimento existentes no curso, no qual se destacam a engenharia de software e a gerência de projetos, foram incorporadas ao projeto para se obter um resultado satisfatório.

**Palavras-chave:** *Scrum*. Metodologia Ágil. Evolução de Software. Sistemas de Informação.

## **RESUMOS DOS PROJETOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – TURMA DO ANO 2015**

### **SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE SERVIÇOS AUTÔNOMOS: SISA**

Caio Henrique de Souza  
Daniel Barrigana Barcelos  
Eduardo Santos Ferreira  
Thalis Rafael de Souza Soares

Eunice Gomes de Siqueira  
Professora Orientadora

**Resumo:** a crise econômica e financeira do Brasil e a crescente taxa de desemprego são problemas que provocam a diminuição da renda do trabalhador. Tal fato leva as pessoas a procurarem por serviços de custos mais acessíveis para suprirem suas atividades cotidianas. Contudo, nem sempre é fácil encontrar quem os faça de maneira eficaz e barata. Por outro lado, também acontece de muitas pessoas aderirem à prática de prestar serviços autônomos, muitas vezes, na informalidade. O Sistema de Informação de Serviços Autônomos (SISA) busca mediar a comunicação entre requisitantes de serviços e seus prestadores, facilitando as negociações e, assim, colaborando para a renda dos trabalhadores. Por meio dele, o usuário poderá tanto procurar por ofertantes de serviços específicos, quanto oferecê-los, contando com um sistema de avaliação que permitirá que outros usuários saibam o quanto este é confiável, impactando na escolha de futuros serviços. Assim, o sistema busca atuar nas necessidades supracitadas e contribuir para a obtenção de renda nas localidades onde os serviços são prestados.

**Palavras-chave:** Serviço Autônomo. Negociação. Oferta e Demanda. Sistemas de Informação.

## RESUMOS DOS PROJETOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – TURMA DO ANO 2015

### SISTEMA DE PREVENÇÃO À INFESTAÇÃO DO *Aedes Aegypti* – SPIAA

Denis Leonardo da Cunha Gomes  
Elessandra Aparecida Estevão  
Felipe Pereira de Souza  
William Daniel de Oliveira

Fábio Gavião Avelino de Mélo  
Professor Orientador

**Resumo:** o *Aedes Aegypti*, mosquito cuja fêmea é o vetor da Dengue, é causa de muitas internações e mortes em todo o país. O Ministério da Saúde, atento ao avanço da Dengue, convocou as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde e toda a população para participarem do esforço nacional contra a infestação desse mosquito. O projeto Sistema de Prevenção à Infestação do *Aedes Aegypti* (SPIAA) visou desenvolver um sistema de informação para automatizar e otimizar os processos da coleta de dados realizada pelos agentes comunitários de endemias. Esses dados ficarão disponíveis em sistema web pelo qual os cidadãos e a Secretaria Municipal de Saúde poderão acompanhar, por meio de um mapa geográfico, as localidades com focos do mosquito, permitindo, assim, que se tomem medidas para combatê-los. Para desenvolvimento deste projeto, contou-se com a colaboração dos agentes comunitários de endemia e dos profissionais da Secretaria Municipal de Saúde de Santa Rita do Sapucaí - MG.

**Palavras-chave:** *Aedes Aegypti*. Dengue. Secretaria Municipal de Saúde. Agente Comunitário. Sistemas de Informação.



### **Orientações para apresentação de artigos à Revista Inicia**

1. A Revista Inicia publica artigos acadêmicos, tutoriais, resumos de monografias e resenhas de livros.
2. Todos os alunos da graduação matriculados na FAI poderão enviar seus textos. Será dada prioridade a temas relacionados às áreas de Administração, Informática e Educação.
3. Todos os originais recebidos serão submetidos à apreciação do professor da disciplina subordinada e ao Conselho Editorial que decidirá pela sua publicação. A Revista Inicia não se compromete a devolver os textos que não forem publicados, podendo fazê-lo por solicitação dos autores.
4. A Revista Inicia se reserva o direito de efetuar nos originais alterações de ordem normativa, ortográfica e gramatical, com vistas a manter o padrão culto da língua, respeitando, porém, o estilo dos autores.
5. A Revista Inicia não remunera os autores do texto publicado.
6. A Revista Inicia será divulgada na Feira de Tecnologia da FAI - Faitec.

### **Normas para apresentação**

1. O texto deve ser digitado no Word for Windows ou outro editor compatível e depois enviado para o e-mail [inicia@fai-mg.br](mailto:inicia@fai-mg.br).
2. Formato: folha A4 (210X297 mm); margens esquerda e superior de 3cm, direita e inferior de 2 cm; fonte Times New Roman, 12; espaçamento simples.
3. Título em negrito e em letras maiúsculas. Após um espaço de duas linhas, deverá ser apresentado o nome do autor (em negrito), seguido da instituição a que está vinculado e endereço eletrônico. Após a identificação do autor, o texto deve ser formatado em duas colunas.
4. Os artigos e monografias não devem exceder a dez páginas incluindo referências, notas, tabelas e gráficos. Ambos devem ser acompanhados de resumo e *abstract* de no máximo 150 palavras cada um. As palavras-chave em Português e Inglês poderão ser de 3 a 5, no máximo.
5. Referências: devem ser apresentadas em ordem alfabética e conter todos os dados necessários a sua identificação, conforme as normas da NBR 6023/2000 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).
6. Diagramas, gráficos e tabelas: devem apresentar título Times New Roman, 10. Textos que apresentam ilustrações, gráficos, tabelas devem estar acompanhados de suas respectivas legendas, citando as fontes, caso não sejam originais do trabalho.
7. Citações: devem ser identificadas suas fontes, conforme as normas da NBR 6023/2000 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).
8. Outras recomendações consulte o manual “Diretrizes para Elaboração de Trabalhos Científicos” disponível no site da FAI e na Biblioteca.

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade de seus autores. Todos os direitos editoriais são reservados. Nenhuma parte das publicações poderá ser reproduzida sem permissão prévia do Conselho Editorial ou sem contar com o crédito de referência. A aceitação do trabalho para publicação implica na transferência de direitos do autor para a Revista Inicia, sendo assegurada a mais ampla divulgação da informação.